

NOV-DEZ 2017

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 14,98



# Discipulado

Caminho seguro para desenvolver igrejas saudáveis



# Fã ou discípulo?

Recentemente terminei a leitura de uma obra muito interessante intitulada *Not a Fan* (Zondervan, 2011), de Kyle Idleman, acerca da condição atual de muitos cristãos. Logo no início do livro, o autor afirma: “Eu creio que Jesus tem muitos fãs nestes dias. Fãs que torcem quando as coisas vão bem, mas que se distanciam quando chega um momento difícil. Fãs que se sentam confortavelmente nas arquibancadas para vibrar, mas que não sabem nada do sacrifício e sofrimentos do campo de jogo. Fãs de Jesus que sabem tudo sobre Ele, mas que não O conhecem” (p. 25).

A constatação de Kyle Idleman é crua, dura e real. Por exemplo, nos países do chamado Sul Global, onde os evangélicos têm expandido suas fronteiras e conquistado milhões de membros, há uma grande comoção em torno do nome de Jesus. Entretanto, o crescimento numérico e institucional parece não ser acompanhado de uma revolução que, de fato, transforme a vida das pessoas e comunidades alcançadas pelo evangelho.

Onde está o problema? Bill Hull, em seu livro *The Disciple-making Pastor* (Baker, 2007), foi ao ponto ao dizer que “apenas um tipo de pessoa irá alcançar o mundo, e o fracasso da igreja em produzir esse tipo de pessoa é o erro que a lançou em crise. A crise do coração da igreja é uma crise de produto. Que tipo de pessoa a igreja está produzindo? O produto da ordem de Cristo é uma pessoa chamada discípulo. Cristo ordenou Sua igreja a fazer discípulos (Mt 28:18-20). Jesus descreveu o discípulo como alguém que permanece Nele, é obediente, dá fruto, glorifica a Deus, tem júbilo e ama (Jo 15:7-17).”

A igreja cristã está repleta de fãs de Cristo, mas Seu chamado vai muito além dessa condição. Mais do que admiradores do Mestre, a comunidade de fé é desafiada a desenvolver verdadeiros discípulos Dele. Pessoas que estejam dispostas a negar a si mesmas, carregar a cruz e seguir a Jesus por onde quer que Ele for (Mt 16:24).

Nesse processo, fica evidente que a teoria da vida cristã é respaldada pelo exemplo daqueles que já trilham o caminho estreito e fazem de Cristo o primeiro, o último e o melhor de sua vida. Por esse motivo, as observações de Kyle Idleman e Bill Hull se tornam ainda mais constrangedoras. Se há uma crise na formação de discípulos, isso significa que aqueles que são considerados discípulos estão falhando em sua missão. Desse modo, nós, líderes cristãos,

devemos reconhecer que algo não está bem em nossa maneira de conduzir o povo de Deus, em fazer do discípulo algo natural em nossas igrejas. Pior, isso nos leva a perguntar se temos sido verdadeiramente discípulos.

De certa maneira, as muitas demandas que envolvem o ministério pastoral podem obscurecer a visão acerca do trabalho a ser realizado. Dedicamos muito tempo a coisas importantes, mas talvez estejamos negligenciando atividades fundamentais. E o discipulado é a principal delas.

Cristo demonstrou em Seu ministério a importância do assunto. Embora o Mestre fosse a “todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças” (Mt 9:35), Seu trabalho mais importante foi capacitar os apóstolos a proclamar a mensagem da salvação após Seu retorno ao Céu. O evangelho de Mateus termina com a ordem para se fazer “discípulos de todas as nações” (Mt 28:19), e o livro de Atos apresenta como isso ocorreu nos primeiros anos do cristianismo apostólico.

Reviver a dinâmica dos primeiros anos da igreja cristã requer uma mudança de paradigma considerável, tanto a pastores quanto a membros. Para os pastores, isso significa educar exaustivamente suas igrejas acerca da perspectiva bíblica do discipulado, investir tempo na formação de um grupo específico de discípulos, compartilhar o pastoreio com ele e estar disposto a pagar o preço do desenvolvimento de uma nova mentalidade ministerial. Por sua vez, os membros deverão compreender a visão bíblica de discipulado, crescer em sua percepção acerca do corpo de Cristo e trabalhar para cumprir o propósito divino em sua vida.

A tarefa de fazer discípulos é desafiadora, mas conta com a poderosa promessa do Senhor: “E Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:20). Na missão de converter fãs em seguidores, o Mestre não está na arquibancada, mas correndo lado a lado com você. **M**



**Se há uma crise na formação de discípulos, isso significa que aqueles que são considerados discípulos estão falhando em sua missão.”**



William de Moraes

**Wellington Barbosa**, doutorando em Ministério (Universidade Andrews), é editor da revista Ministério

## 10 O apóstolo discipulador

*Bruno Raso*

Orientações paulinas para líderes discipuladores

## 13 Rede de salvação

*Manoel Nunes*

Como conectar os pequenos grupos a um processo contínuo de discipulado

## 16 Quando menos pode ser mais

*Marcos Militão dos Santos*

O exemplo de simplicidade de Jesus deve impactar nosso modelo de discipulado

## 19 Discipulado e serviço

*Nilton Aguiar e Wagner Kuhn*

Como a vivência da Grande Comissão leva o discípulo a encarnar as características da vida de Cristo

## 22 Cuidado e multiplicação

*Erton Köhler*

Conheça os planos da Igreja Adventista do Sétimo Dia para 2018

## 24 “Porque todos pecaram”

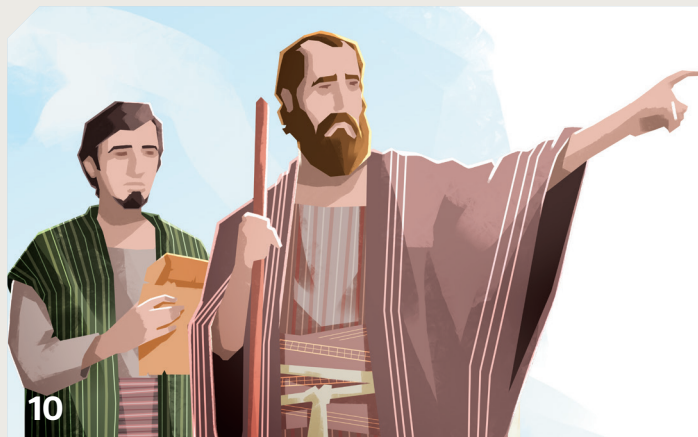
*Leandro Velardo*

É diante da impotência humana que o poder salvífico de Deus se revela

## 26 Em busca da verdade

*Lucas Ferraz e Werter Gouveia*

A singularidade adventista diante da hermenêutica pós-moderna



10

2 Editorial

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

30 Pastor com paixão

32 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



13



26

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 89 – Número 534 – Nov/Dez 2017  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

**Editor** Wellington Barbosa

**Editor Associado** Márcio Nastrini

**Revisoras** Josiéli Nóbrega; Rose Santos

**Projeto Gráfico** Levi Gruber

**Capa** Montagem sobre imagens do Fotolia

**Ministério na Internet**

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

**Conselho Editorial** Carlos Hein; Lucas Alves; Adolfo Suarez, Marcos Blanco; Walter Steger; Jerry Page; Jeffrey Brown

**Colaboradores** Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efrain Choque; Ewaldino Ramos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Luis Velásquez; Mitchel Urbano; Raildes Nascimento; Rubén Montero; Tito Valenzuela



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

**Diretor-Geral** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro** Uilson Garcia  
**Redator-Chefe** Marcos De Benedicto  
**Chefe de Arte** Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 72,70  
Exemplar Avulso: R\$ 14,98



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5972 / 36912

# Contribua com a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

## Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

## Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

## Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

## Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

## Conheça o novo portal do pastor

[www.pastoradventista.org](http://www.pastoradventista.org)



### Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

# Cristãos em dúvida

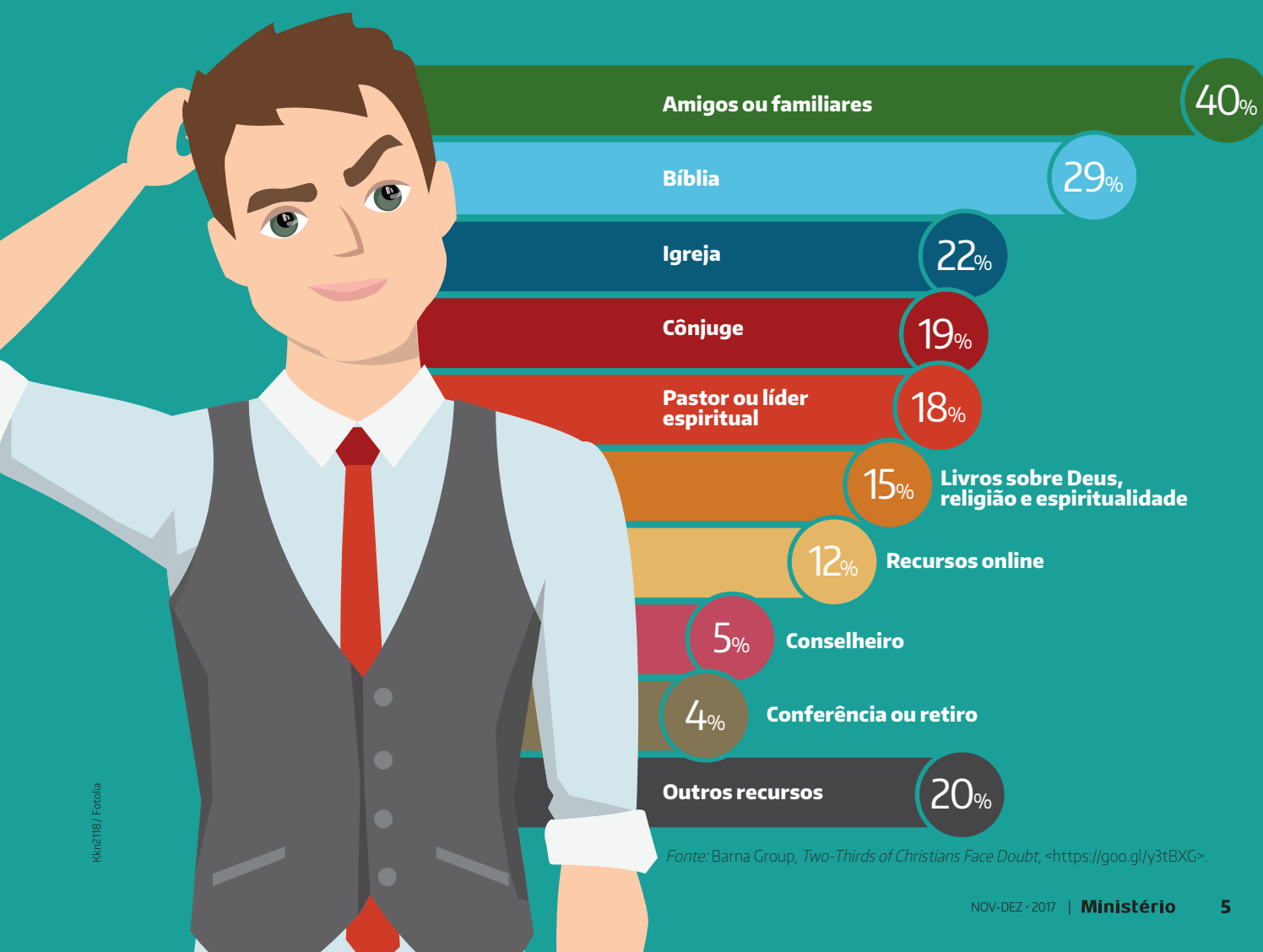
A jornada cristã é repleta de desafios, e muitos membros da igreja já experimentaram dúvidas sobre a religião ou sobre Deus em sua caminhada. O que fazer quando isso ocorre? A quem recorrer para superar esse momento difícil? Em junho deste ano, o Grupo Barna realizou uma pesquisa com 888 pessoas nos Estados Unidos visando entender o comportamento dos cristãos diante de situações como essa.

A primeira descoberta interessante foi que 66% dos entrevistados reconheceram ter experimentado incertezas sobre a fé em algum momento da vida. A investigação ainda demonstrou que as

pessoas podem passar por dúvidas espirituais de modo silencioso, sem que amigos ou familiares percebam. Enquanto alguns deixam de frequentar a igreja, ler a Bíblia, orar ou conversar sobre temas ligados à espiritualidade, para 39% dos participantes não houve mudanças visíveis nesses comportamentos. Uma pergunta intimamente relacionada com o trabalho pastoral foi: “Quando experimenta dúvidas espirituais, a quem você recorre?”. As respostas indicam que a igreja e os líderes espirituais enfrentam o grande desafio de criar um ambiente acolhedor e seguro para que aqueles que passam por essa fase possam superá-la. Veja os resultados:

## “Quando experimenta dúvidas espirituais, a quem você recorre?”

(múltiplas respostas)



# Mestre do discipulado

O grande desafio da igreja no cumprimento da missão é fazer discípulos. Na tentativa de ensinar aos possíveis discipuladores, nós nos desdobramos para dizer a eles como devem *fazer* discípulos. Será que esse é o caminho correto? Devemos ensinar a *fazer* discípulos ou a *ser* discípulos?

Muitos perguntam: ser ou fazer? A realidade é que o “ou” não é aplicável aqui. Devemos fazer “sendo”, enfatizando o *ser*. Assim agia Jesus. Ele disse: “Portanto ide, fazei discípulos” (Mt 28:18). Entretanto, ao observar Seu ministério, percebemos claramente que o Mestre não se propôs a dar seminários teóricos sobre como *fazer*. Jesus foi o modelo vivo. Sua ênfase estava no *ser*. Ele foi uma pessoa tão exemplar que aqueles que O viam desejavam imitá-Lo. Seus seminários eram teórico-práticos, por assim dizer.

O apóstolo Paulo, cumprindo o mandado do Senhor, e com o claro objetivo de fazer discípulos, escreveu ao amigo Timóteo: “E o que de minha parte ouvistes através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2:2). Escrevendo aos coríntios, afirmou: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1).

Não há dúvida de que o *fazer* é muito importante, mas se nossa ênfase fosse no *ser*, tenho certeza de que haveria muito mais discípulos, mais cristãos, mais batismos, mais discipulado autêntico, e Jesus voltaria mais rápido.

Na nota dos compiladores do livro *Ministério Pastoral* (CPB, 2015), de Ellen G. White, no início do capítulo 52, há um comentário muito sugestivo: “Jesus nunca pastoreou uma congregação de igreja como temos hoje. Mas, como os pastores modernos, Ele pregou, ensinou e ministrou tanto a grupos grandes quanto a indivíduos. É útil aos pastores de igrejas pequenas saber que o mais próximo que Jesus chegou em ministrar a uma congregação específica foi Seu ministério contínuo ao pequeno grupo dos doze” (p. 281).

Aos pastores, Cristo “mostra-lhes Seu exemplo de amor por Suas ovelhas. Para assegurar seu resgate,

Ele deu a vida por elas; e, se [os pastores] imitarem Seu exemplo de abnegação, o rebanho prosperará sob seu cuidado” (ibid.). Então, “todos esses sermões insípidos terão um fim, pois, com frequência, são uma exibição do próprio eu, em vez do fruto produzido pelo mestre que se assentou aos pés de Jesus e aprendeu Dele” (ibid., p. 282).


“Quanto mais o ministro de Cristo se associar com seu Mestre, através da contemplação de Sua vida e Seu caráter, tanto mais se assemelhará a Ele e mais qualificado se tornará para ensinar Suas verdades” (ibid.).

Jesus “manhã após manhã, e noite após noite [...] recebia graça para poder reparti-la a outros. Então, com a alma repleta de graça e fervor, saía para ministrar às pessoas” (ibid., p. 283).

Os discipuladores deveriam atuar seguindo “o exemplo dado por Cristo, e exercer a mesma compaixão e benignidade, e o mesmo terno e compassivo amor manifestado por Ele para conosco” (Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 3, p. 187).

“Todos os pastores que trabalham sob a direção do supremo Pastor possuirão Suas características; eles serão mansos e humildes de coração. [...] Se o Espírito de Cristo habita neles, serão semelhantes a Cristo e farão as obras de Cristo” (ibid., v. 4, p. 377).

Como ministros, jamais podemos nos esquecer de que o ministério de Cristo “consistia não somente em pregar sermões, mas em instruir o povo” (*Ministério Pastoral*, p. 286). “Muito poderemos fazer dentro de pouco tempo, caso trabalhemos como Cristo fazia. Podemos refletir com proveito em Sua maneira de ensinar. [...] Seu estilo era claro, simples e abrangente” (ibid.).

Caro colega, por favor, não deixe de *fazer*, mas enfatize o *ser*! 



**Não há dúvida de que o fazer é muito importante, mas se nossa ênfase fosse no ser, haveria muito mais discípulos.”**



**Carlos Hein**, doutor em Teologia (Universidade Peruana União), é secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

Divulgação: DSA

# Igreja discipuladora

*Em última instância, discipulado não é tanto uma questão de transmissão de conteúdo, mas de prática, de tornar a teoria um estilo de vida.*

por Márcio Nastrini



Gentileza do entrevistado

O tema do discipulado tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões referentes ao desenvolvimento da igreja. Muito tem sido escrito e não faltam ideias sobre o que pode ou deve ser feito. Entretanto, nem tudo o que se escreve é de fácil aplicação. Às vezes faltam exemplos reais adequados à realidade pastoral. Com o objetivo de suprir essa necessidade, nesta edição a *Ministério* traz uma entrevista com o pastor Cid Gouveia, líder do distrito do Alecrim, em Natal, RN. Ele tem se dedicado a estabelecer o processo de discipulado em suas congregações, e sua boa experiência tem inspirado outros colegas a fazer o mesmo.

O pastor Cid Gouveia é natural de Caruaru, PE. Formado em Teologia pela Faculdade Adventista da Bahia, iniciou seu ministério em 1999 como professor de Religião no Colégio Adventista do Arruda, em Recife. No ano seguinte, assumiu a função de pastor distrital na cidade de Afogados da Ingazeira, no sertão pernambucano. Desde então, ele já passou por seis distritos. Além da graduação em Teologia, é pós-graduado em Missiologia, mestre em Teologia e cursa o doutorado em Teologia Aplicada na Universidade Peruana União. O pastor Cid é casado desde 2001 com Rejane Lucena Gouveia.

## O que levou você a estudar a respeito de discipulado e pequenos grupos?

Em 2008, na Faculdade Adventista da Bahia, tive aulas sobre discipulado com o doutor Emílio Abdala que imediatamente me chamaram atenção. Como pastor distrital, percebi que as dificuldades das igrejas, na maioria das vezes, não se relacionavam com a falta de conhecimento ou de metodologia de trabalho. Geralmente estavam relacionadas com pessoas que tinham problemas de maturidade espiritual, de relacionamento, ou com uma cultura eclesial local que trabalhava contra o cumprimento da missão. Isso não poderia ser resolvido com eventos ou estratégias. Naquelas aulas compreendi que apenas

o discipulado poderia trazer uma resposta satisfatória para os anseios da minha vida ministerial, pois ele tem como foco a maturidade espiritual do cristão. Depois disso comecei a estudar o assunto e criei uma metodologia de discipulado para a realidade da Igreja Adventista. Como uma das áreas do discipulado tem a ver com a vida em comunidade, a conexão com os pequenos grupos foi natural. Apesar de estudar esse tema desde antes de 2008, apenas depois que eu compreendi mais sobre discipulado é que pude entender melhor o papel dos pequenos grupos nesse processo.

## Por favor, conte um pouco sobre o trabalho que você está desenvolvendo em seu distrito pastoral.

Desde 2013 tenho desenvolvido uma metodologia de discipulado que tem como base o grupo protótipo. Escolhemos uma igreja e, de sua liderança, selecionamos entre 12 e 15 pessoas para acompanhá-las durante um ano, estudando sobre comunhão, relacionamento e missão. O grande

diferencial está na prática, no acompanhamento e na mudança de vida. Por exemplo, quando estudamos sobre oração, praticamos os princípios de oração na reunião e, durante a semana, por meio das redes sociais, incentivamos o exercício diário do princípio ensinado até que ele venha a ser incorporado na vida da pessoa. Lembro-me de um caso em que praticamos a reflexão bíblica num grupo protótipo de uma das minhas igrejas. Havia uma jovem que tinha problemas com ansiedade e, por isso, não conseguia avançar em seus estudos. Para ela foi um desafio refletir nas Escrituras. Contudo, recentemente ela foi aprovada na Universidade Federal e me mandou uma mensagem de agradecimento pela ajuda prestada no processo de discipulado. Tenho visto muitos outros casos semelhantes a esse nos grupos que discipulo. Membros com mais de 20 anos de igreja que não oravam da maneira correta, sofriam com a imaturidade relacional e espiritual e que experimentaram uma revolução por meio do discipulado. Em última instância, discipulado não é tanto uma questão de transmissão de conteúdo, mas de prática, de tornar a teoria um estilo de vida.

### **Qual a sua avaliação do trabalho até o momento? Quais são as principais conquistas?**

Divido as principais conquistas em duas áreas. A primeira se relaciona com o impacto do discipulado na transformação da vida das pessoas. É impressionante ver líderes descomprometidos voltando a sentir prazer em trabalhar para a igreja, membros antigos da comunidade vencendo vícios e fraquezas de longa data e grupos que eram desunidos passando a viver em comunidade. Às vezes pensamos muito em eventos, metodologias de trabalho e transmissão de conteúdo adequado como meios de transformação. Entretanto, somente pessoas transformadas são capazes de transformar. Mesmo antes de avançarmos para a segunda fase do processo, o discipulado aplicado a toda a igreja,

o impacto causado nos líderes que participam do protótipo promove a melhoria de todos os índices da congregação. E essa é a segunda área, o crescimento da igreja de modo geral. Todas as comunidades em que tenho desenvolvido o processo de discipulado experimentaram crescimento nos batismos, nas finanças e na mobilização para o trabalho. Apenas como exemplo, algumas igrejas dobraram suas receitas financeiras, o número de batismos e até mesmo tiveram que lidar com o desafio do excesso de líderes disponíveis!

### **E quais são as maiores dificuldades? O que você tem feito para superá-las?**

Creio que existam dois grandes desafios. O primeiro se refere à mudança de paradigma que o discipulado provoca na igreja. Nas congregações que tenho pastoreado, observo que há um modelo de trabalho repleto de eventos, superficialidade nas relações e vida compartimentalizada, isto é, uma prática do cristianismo que muitas vezes se restringe à igreja e aos eventos. O discipulado vem desafiar tudo isso. Como consequência, surge muita resistência da parte de alguns, principalmente daqueles que se assustam com o fato de que o mais importante é a transformação interior, e não simplesmente a criação de uma nova metodologia ou a participação em um novo evento. O segundo está ligado às limitações próprias do distrito. É desafiador equilibrar o discipulado com a administração geral das atividades distritais. Para superar essas dificuldades, tenho apresentado o paradigma do discipulado com tranquilidade, procurando respeitar o tempo de assimilação de cada membro. Em relação ao distrito, meu foco tem sido discipular uma igreja de cada vez.

### **Qual o papel do pastor em uma igreja que prioriza o discipulado? E dos demais líderes da congregação?**

O papel do pastor é fundamental! Ele precisa transmitir a visão e conquistar as pessoas para essa visão, e isso não se

faz apenas com discursos. É importante mostrar que o discipulado afeta sua própria vida. Esse é um dos grandes desafios. Todo mundo pode mandar os outros fazerem, mas no discipulado é necessário fazer junto. Uma das coisas mais difíceis para mim nesse processo foi entender que eu não poderia ser apenas um profissional, mas teria que abrir meu coração, compartilhar minhas lutas e dificuldades para incentivar o grupo nesse sentido. Acabei sendo uma das pessoas mais impactadas nessa caminhada. Quanto aos líderes, assim como o pastor, devem ser os discipuladores para toda a igreja. Ao receberem essa visão devem reproduzi-la aos demais.

### **Como integrar os pequenos grupos, as unidades de ação da Escola Sabatina e os diferentes departamentos da igreja de modo a contribuir com um processo sólido de discipulado?**

Primeiramente precisamos entender que o discipulado não tem como foco principal a criação de novas estruturas, mas a mudança de pessoas. Se nos preocuparmos com estruturas sem transformar a vida das pessoas criaremos estruturas vazias. Em realidade, o discipulado unifica e fortalece as estruturas. Geralmente temos usado a unidade de ação como ponto de partida, colocando líderes que passaram pelo processo de discipulado para dirigi-la. Assim, eles trabalham para que a unidade de ação seja mais do que uma classe de estudo da lição, mas se reúna também durante a semana em um pequeno grupo relacional. Quanto aos departamentos, entendemos que a mudança não é tanto estrutural, mas na maneira como eles funcionam. Por exemplo, em certa congregação as duplas missionárias são atendidas pela unidade de ação, a fim de receberem apoio espiritual e capacitação. A Escola Sabatina, em uma visão discipuladora, torna-se um centro de discipulado para toda a igreja, a partir da unidade de ação ou do “pequeno grupo” que se reúne no sábado pela manhã.



## Os pequenos grupos são imprescindíveis para um bom processo de discipulado ou podem ser substituídos por outras práticas?

Depende do entendimento acerca do que é pequeno grupo. Se ele é considerado somente como uma estrutura ou reunião na sexta-feira à noite, isso é discutível. Contudo, se o pequeno grupo é visto como uma comunidade que pratica valores como transparência e ajuda mútua na edificação espiritual e no cumprimento da missão, ele é imprescindível. De fato, todos nós precisamos pertencer a uma comunidade, e o poder do grupo no processo de crescimento de uma pessoa é notável. Tenho visto cristãos abandonarem maus hábitos de longa data, simplesmente por compartilhar essa fraqueza com o grupo e se sentir aceito, apesar de suas falhas. E para que a comunidade tenha profundidade em seus relacionamentos ela não pode ser grande, deve ser pequena.

## Para algumas pessoas, treinamento convencional é sinônimo de discipulado. Isso está correto?

Muitas vezes existe uma forte ênfase na transmissão de conteúdo no treinamento. Alguém da frente fala, enquanto o público, sentado, escuta. Evidentemente essa abordagem faz parte do processo, mas não é tudo. Nossos treinamentos precisam ter uma ênfase maior na prática e no acompanhamento posterior. Por exemplo, uma congregação que estava no processo de discipulado decidiu capacitar os professores de Escola Sabatina. Como isso foi feito? Reunimos os professores, fizemos o treinamento e pedimos para que eles conduzissem a lição em um grupo determinado, responsável por avaliar seus pontos fortes e fracos e indicar como aperfeiçoá-los. Na sequência, os professores foram acompanhados

por três meses nas unidades de ação, recebendo avaliações contínuas. Qual foi o resultado? Melhorias reais na forma de ensinar. Esse é o treinamento ideal para uma igreja discipuladora. No discipulado, trocamos eventos por processos, aparência por caráter e reuniões por trabalho individualizado. No discipulado, medimos o sucesso de uma igreja não por seus números, mas pelas vidas transformadas; embora reconheçamos a importância dos indicadores numéricos.

**No discipulado, medimos o sucesso de uma igreja não por seus números, mas pelas vidas transformadas; embora reconheçamos a importância dos indicadores numéricos.**

## Que papel o evangelismo público tem em uma igreja discipuladora?

O evangelismo público tem papel fundamental. Entretanto, no contexto do discipulado, ele precisa ser redefinido para que não seja somente um evento com duração de 21 ou 30 dias, mas um processo. Quando fazemos evangelismo em uma igreja discipuladora, o mais importante não é tanto batizar ao final da série, mas criar uma rede de contatos que deve perdurar. Lembro-me do caso de uma campanha evangelística que teve poucos batismos no início. No entanto, como a igreja tinha uma rede de pequenos grupos que participou ativamente daquela série, vários interessados

se firmaram nos pequenos grupos, e o batismo acabou sendo maior depois. O evangelismo público deveria ser um estilo de vida para a igreja e se concentrar não apenas nas séries de colheita, mas também nas conexões com a comunidade local, vínculos importantes que necessitam ser mantidos.

## O que você sugere aos pastores e líderes que desejam experimentar esse processo de discipulado?

Primeiro, eles devem estudar materiais disponíveis sobre o tema. Depois, trabalhar com um grupo de pessoas capaz de ser o fermento para mudar a igreja. Isso é muito importante! Precisa ser um grupo que tenha certo grau de influência na congregação. Não pode ser pequeno demais, a ponto de não conseguir impactar, ou grande demais, a ponto de tornar o processo superficial. A partir da minha experiência, deve ser algo entre 12 e 18 pessoas, que representem os diversos segmentos da igreja. Com esse grupo, deve-se ter uma rota definida de discipulado, partilhar refeições e investir em momentos significativos, até que essa convivência influencie a todos, de tal maneira que cada membro seja capaz de reproduzir o que aprendeu. Na sequência, esses líderes devem ser posicionados na liderança das unidades de ação/pequenos grupos a fim de que repitam a experiência, agora como discipuladores. Por fim, deve-se criar um grupo permanente de discipulado para os novos membros (pessoas que vêm de outras igrejas, sem a visão discipuladora) e recém-convertidos. É preciso destacar que essa reunião não deve ser simplesmente teórica, mas prática, adaptada à realidade de cada congregação. Todos nós devemos nos empenhar no discipulado, não como algo opcional, mas como uma grande necessidade para a igreja hoje. **M**

# O apóstolo **discipulador**

*Bruno Raso*

O apóstolo Paulo tinha a convicção e o comprometimento de um profeta (1Co 13:9); a mente de um erudito (2Pe 3:15, 16); o coração de um evangelista (1Co 1:18-25; 2Tm 4:1-8); a disciplina de um soldado (2Tm 2:1-13); a devoção de um amigo (1Ts 5:26); e o fervor de um reformador (Rm 12:1, 2).

Ele mesmo se apresentou como arauto (1Co 9:27), apóstolo (Rm 1:1; 1Co 1:1; Tt 1:1) e mestre (2Tm 1:11). Aarauto, porque sua obrigação era proclamar a mensagem de quem ele representava; apóstolo, porque foi chamado e enviado por Deus; e mestre, porque devia ensinar àqueles a quem foi designado.

A história de Timóteo e de Tito e a convicção sobre os dons do Espírito nos mostram que o apóstolo tinha consciência da necessidade de formar discípulos. Essa cadeia de multiplicação espiritual se iniciou com ele mesmo e continuou com Áquila e Priscila, Apolo e os crentes da Acaia (At 1:1-4; 24-28). Paulo não foi um evangelista solitário, mas o comandante de um grande e crescente círculo de missionários. Por meio da pregação, do ensino e do batismo se empenhou em cumprir o propósito divino de fazer discípulos.

Paulo tinha claro entendimento de que não apenas ele como apóstolo, mas todos os apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres são depositários dos dons que Deus concedeu à igreja. Todos são enviados para equipar, treinar e disciplinar os crentes para o crescimento da igreja e o cumprimento da missão.

Aliás, na teologia paulina, o senso de missão era amplo. Visava

**As instruções de Paulo a Timóteo têm muito a nos ensinar sobre o discipulado eficaz**



não somente a conversões, mas também à formação de novos discípulos. Essa é a premissa básica da Grande Comissão evangélica (Mt 28:19, 20). Assim, é imperativo trabalhar para formar discípulos capazes de ensinar e gerar novos discípulos. Paulo mencionou seu exemplo quando escreveu aos coríntios: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1).

“Paulo sabia que sua vida era incerta e temia que Timóteo chegasse tarde demais para vê-lo. Tinha importantes conselhos e instruções para o jovem, a quem havia sido confiada tão grande responsabilidade; e enquanto pedia que viesse sem demora, ditou seu derradeiro testemunho, pois talvez sua vida não fosse poupada para proferi-lo pessoalmente. Tendo o coração cheio de terna solicitude por seu filho no evangelho e pela igreja

sob sua responsabilidade, Paulo procurou impressionar Timóteo com a importância da fidelidade à sua sagrada missão.”<sup>11</sup>

Aqui vemos um processo de discipulado em rede. Por sua experiência e inspiração divina, Paulo, agora um idoso pastor prestes a morrer, preocupou-se em orientar a Timóteo, um jovem pastor, confirmando seu ministério.

O exemplo do veterano missionário deve nos inspirar a imitá-lo, para que sejamos, como ele, imitadores de Cristo. “Que nossos ministros levem sua carga de responsabilidade com temor e tremor, buscando sabedoria do Senhor e suplicando constantemente Sua graça. Que façam de Jesus o seu modelo, estudando diligen-

temente Sua vida e colocando todos os dias em prática os princípios que O dirigiram em Seu serviço, enquanto esteve na Terra.”<sup>12</sup>

## Discípulo e discipulador

Timóteo era natural de Listra. Filho de mãe judia e pai grego (At 16:1), tanto a mãe quanto a avó exerceram um importante papel ao lhe transmitir a fé e os ensinamentos da Palavra de Deus (2Tm 1:5; 3:14, 15). Ao que tudo indica, o jovem se converteu durante a viagem missionária de Paulo à sua cidade (At 14). Como pastor, ele foi líder da igreja de Éfeso. Ao analisar os escritos paulinos direcionados a Timóteo podemos observar as seguintes ênfases referentes ao discipulado.

**Cuidar da doutrina (1Tm 1:3-11).** O conteúdo divino da mensagem era fundamental e inegociável para Paulo. Ela pode ser adaptada a cada lugar e cultura, mas deve ser conservada em sua pureza original. Nossa responsabilidade não é fabricar o pão. O Pão vivo vem do Céu, e é nosso privilégio nos alimentar dele e compartilhá-lo com fidelidade.

Paulo recomendou que Timóteo cuidasse para que outros não ensinassem doutrinas diferentes, exaltando as fábulas e os ensinamentos rabínicos, nem mergulhassem em intermináveis genealogias. A fé não construída sobre discussão e dissensão, mas deve ser edificada sobre a Palavra de Deus. Ser erudito ou profundo conhecedor da lei e da graça não é suficiente. O Senhor espera

que tenhamos uma relação experimental com o Autor da mensagem. Precisamos ser salvos por Sua graça para viver em harmonia com Sua vontade. Sem dúvida, o discipulado é relacional, mas, em primeiro lugar, diz respeito à relação com Deus e Sua doutrina.

**Orar por todos (1Tm 2).** Paulo exortou para que fossem feitas orações, súplicas, petições e ações de graça por todos. Pelos crentes e descrentes, até mesmo por aqueles que, aparentemente, não merecem receber o evangelho. Pelos que estão e não são, pelos que são e não estão, pelos que uma vez estiveram ou pelos que nunca estiveram.

Os argumentos do apóstolo são simples e contundentes. Deus quer que todos sejam salvos. Todos temos um único Deus e Mediador. Jesus morreu para redimir toda a humanidade. Foi para essa finalidade que Paulo acreditava ter sido constituído pregador, o arauto que transmite de forma oficial uma mensagem real; apóstolo, originado e enviado pela vontade de Deus; e mestre, discipulador dos gentios, ou seja, de todas as nações.

**Discipular em rede (1Tm 3, 2Tm 2).** Paulo destacou 16 qualidades pessoais e espirituais de pastores, anciãos e diáconos. Atitudes e aptidões são indispensáveis na liderança discipuladora. O apóstolo disse que “é necessário”, ou seja, o líder deve viver o que prega, se quiser inspirar e preparar outros para viver a mensagem e cumprir a missão. Dessa forma, a fidelidade da igreja se transforma em coluna e defesa da verdade proclamada.

Paulo apelou a Timóteo, um jovem e tímido pastor, para ser exemplo na palavra, na conduta, no amor, no espírito, na fé e na pureza. Pediu que ele buscasse forças na graça de Deus. Esse método individual e coletivo de preparação serve de base para um discipulado em rede.

O discipulado em rede é claramente apresentado em 2 Timóteo 2:2. Paulo o compartilhou publicamente na presença de

muitas testemunhas. O discípulo deve ser um discipulador. Deve também demonstrar confiança, ter atitude, ser idôneo e apto para ensinar. Aqueles que estão sendo discipulados recebem a instrução por teoria e exemplo e agem de forma idêntica, garantindo o processo multiplicador.

**Sacrificar-se como bom soldado de Cristo (2Tm 2).** Para discipular é necessário se entregar totalmente à missão. Lealdade e compromisso são requisitos básicos para o serviço de um verdadeiro soldado. Ninguém que combate na causa do Mestre se envolve em outros negócios. Nada deve distraí-lo, dividir seu tempo nem consumir sua energia. Sua única missão é pregar o evangelho. É verdade que, no caso de Paulo, houve a necessidade de ter uma ocupação secular quando fabricou tendas. Contudo, nesse caso, essa atividade foi um meio necessário para o grande propósito de pregar a mensagem com eficácia.

A principal preocupação do ministro do evangelho deve ser agradar e servir. Àquele que o chamou para cumprir a missão, e isso tem um preço. Contudo, como soldados alistados no exército do Senhor, precisamos estar dispostos a pagá-lo. Bertold Brecht disse certa vez: “Há homens que lutam um dia e são bons. Há homens que lutam por um ano e são melhores. Há aqueles que lutam por muitos anos e são muito bons. Porém, há os que lutam por toda uma vida. Estes são os imprescindíveis.”

**Perseverar como um atleta (2Tm 2).** Para que o treinamento seja eficiente é preciso respeitar “o princípio das cargas progressivas”. Todo atleta necessita de um período de adaptação a cada nova tabela de exercícios. Além disso, é fundamental começar do menor para o maior, permitindo que o organismo assimile o trabalho realizado a fim de evitar problemas de sobrecarga ou lesões produzidas pela fadiga.

Manter a segurança do atleta é fundamental para o treinador durante a prática dos exercícios. As quedas nunca devem ocorrer em solo duro. Os treinadores também devem ajudar durante a execução dos exercícios, permanecendo atentos o tempo todo. Além disso, é imprescindível a individualização dos treinamentos, visto que cada atleta apresenta qualidades e características diferentes. O treinador deve conhecer a capacidade de cada um.

O treinamento que garante a eficácia do atleta deve se apoiar em dois pilares: o preparo geral de suas capacidades físicas e o preparo específico que visa desenvolver as qualidades físicas e mentais mais exigidas em cada modalidade esportiva. A formação e o preparo de um atleta requerem perseverança por parte do treinador. Essa mesma perseverança e persistência são requeridas na formação de um discípulo.

**Confiar como o lavrador (2Tm 2).** O lavrador prudente é aquele que caminha pela terra com os olhos fixos no céu. Ele faz o seu melhor. Conhece as estações, cerca o campo, limpa, ara, semeia, cultiva, rega, poda, combate as pragas e espera a chuva a seu tempo. Depois aguarda a germinação. Finalmente, em uma sociedade de confiança com Deus, o agricultor faz a colheita. O discipulado é uma verdadeira aventura de fé e confiança. Naquele que não nos vê como somos, mas como podemos ser se formos transformados por Sua graça.

**Aguardar a recompensa (2Tm 4).** Paulo fez uma súplica final a Timóteo para que pregasse a Palavra “a tempo e fora de tempo”. O idoso apóstolo sabia que seu fim se aproximava. Prisioneiro em Roma, no cárcere mamertino, com a sentença proclamada e próxima de ser executada, Paulo pôde afirmar com convicção que como bom soldado combateu o bom combate; como perseverante atleta completou a carreira; e como confiante lavrador guardou a fé.

Ele estava seguro de duas coisas: havia uma coroa guardada para ele, discipulador, e para o discípulo e discipulador Timóteo. Não apenas para eles, mas também para os que amam tanto Seu Mestre que são discípulos e fazem discípulos, que são discípulos e discipuladores.

Virgílio Gerber define magistralmente que “a missão não termina quando se proclama a mensagem para as pessoas, tampouco se finaliza com a profissão pública de fé no evangelho, nem quando se relaciona os conversos à igreja por meio do batismo e ensino. O objetivo é alcançado quando os novos conversos chegam a ser cristãos responsáveis e reprodutivos que completam o ciclo do discipulado e garantem o processo contínuo de evangelismo e crescimento”.<sup>3</sup>

“Vocês têm tão profunda apreciação do sacrifício feito no Calvário que estão prontos para tornar qualquer outro interesse subordinado à obra de salvar pessoas? A mesma intensidade de desejo de salvar pecadores que assinalava a vida do Salvador assinala a vida de Seu verdadeiro discípulo. O cristão não tem desejo de viver para si mesmo. Deleita-se em consagrar ao serviço do Mestre tudo que tem e é. É movido por um inexprimível desejo de ganhar pessoas para Cristo.”<sup>4</sup> **TM**

## Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 499.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 9 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 124.
- <sup>3</sup> Virgílio Gerber, *Manual para Evangelismo y Crecimiento de la Iglesia* (Maracaibo: Libertador, 1973), p. 20.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Maranata, o Senhor Vem!* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), p. 98.



Divulgação DSA

**Bruno Raso**, doutor em Teologia (Universidade Peruana União), é vice-presidente da Igreja Adventista para a América do Sul

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou visite [www.facebook.com/revistaministerio](http://www.facebook.com/revistaministerio)

# Rede de salvação

## Sugestões práticas para o discipulado em pequenos grupos

Uma análise dos evangelhos indica que todo o trato de Cristo com Seus discípulos está repleto de conceitos relevantes e práticos referentes à tarefa mais importante da igreja: fazer discípulos. Em Seu último encontro pessoal com os Doze (Mt 28:18, 19), Jesus estabeleceu uma estratégia interessante para o discipulado. Ele enviou os apóstolos somente após terem obtido um mínimo de experiência real. Assim, ao atender a ordem do Mestre para fazer novos discípulos, eles haviam *primeiramente* se tornado discípulos. A base para se dedicarem foi a experiência vivida durante mais de três anos com Cristo.<sup>1</sup>

Ao longo desse período, eles foram pastoreados e supervisionados por Jesus que, por sua vez, era pastoreado pelo Pai e o Espírito Santo. A submissão voluntária de Cristo ao Pai e ao Espírito e dos discípulos a Cristo parece indicar um discipulado em rede.

A rede também fica evidente na amplitude do alcance da mensagem de salvação. Os evangelistas descrevem Jesus, por meio de um encontro ou contato mais prolongado, tocando redes sociais inteiras. Assim foi o caso de Zaqueu (Lc 19:1-10), da samaritana (Jo 4), de Levi Mateus (Mt 9:9-13), do endemoninhado gadareno (Mc 5:1-20), entre tantos outros.<sup>2</sup>

Após a ascensão de Cristo, a igreja apostólica cresceu exponencialmente em pouco tempo. E qual era sua estratégia? Redes de relacionamentos: pessoas que se conectavam com pessoas.

Em suma, é desse modo que o “fazer discípulos” se desenvolve: uma vida tocada por Cristo que toca e se conecta à outra vida. Nessa dinâmica, é imprescindível que haja uma interdependência contínua entre aqueles que estão engajados no processo.

### Rede de relacionamentos

A partir dessa compreensão, alguns elementos são indispensáveis quando se pensa em uma rede de discipulado que envolva



os membros e, por consequência, a igreja como um todo.

**Visão.** Os grandes feitos e conquistas da história não ocorreram por acaso, mas resultaram de uma visão que se adquiriu em algum momento do processo. Quando internalizada, ela altera as práticas, afetando profundamente a vida daqueles que a adotam. Isso é perceptível na experiência de diversos personagens bíblicos como Noé, Abraão, Moisés, Paulo e tantos outros. A visão deve transformar as pessoas, e pessoas transformadas transformam o mundo. A visão de discipulado se desenvolve por meio de conhecimento formal, leitura e oração, mas é através da prática contínua que ela se aprofunda e se ajusta aos contextos variados e necessários.

**Associação.** Contato pessoal e intencionalidade são partes inegociáveis no processo. Quando se trata de transformar pessoas, o coração precisa ser tocado antes. Formalidade e supervalorização da hierarquia podem ser barreiras nessa caminhada. Por isso, é importante se lembrar da metodologia de Jesus: “O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’”<sup>3</sup>

**Comunidade.** É possível se juntar a um grupo maior ou menor sem ter comunidade, mas é impossível ter comunidade sem se juntar a alguém. As pessoas são ávidas por comunidade. Embora haja aqueles mais introvertidos, inclinados ao isolamento, essa não é a característica predominante. Não é preciso ser cristão nem frequentar a igreja para entender que as pessoas precisam umas das outras. Quando vivemos num ambiente comunitário, expressamos um aspecto importante do que é ser a imagem de Deus.<sup>4</sup> Nesse contexto, existe pastoreio intencional, intimidade, acessibilidade, disponibilidade, interesse, confraternização, cuidado, ajuda, prestação de contas, relacionamento, conversação, unidade, foco, ministério em grupo e evangelismo.<sup>5</sup>

**Proximidade.** Discípulos e discipuladores precisam caminhar intencionalmente juntos rumo a estágios crescentes. Para isso, ambos devem estar perto uns dos outros. Jesus deu exemplo prático dessa condição.<sup>6</sup> Gregory Ogden afirma que, próximos de Cristo, os discípulos puderam observar três pontos importantes: (1) A autoridade de Jesus sobre os demônios (Mc 1:21-28), sobre o pecado (Mc 2:1-12), sobre o sábado (Mc 2:23-3:6), sobre a natureza (Mc 4:35-41) e sobre as enfermidades e a morte (Mc 1:40-45); (2) Os tipos de pessoas que se aproximavam de Jesus, como endemoninhados (Mc 1:23), leprosos (Mc 1:40), paralíticos (Mc 2:3), cobradores de impostos (Mc 2:14), enfermos de todo tipo (Mc 3:1) e gente da elite religiosa (Mc 5:41); (3) As críticas que fariseus e saduceus fizeram em relação a Jesus ao Ele perdoar o paralítico (Mc 2:6, 7), comer com publicanos e pecadores (Mc 2:16), “violou” o sábado (Mc 2:24) e trabalhar intensamente ajudando as pessoas (Mc 3:22).<sup>7</sup>

**Foco.** Jesus foi muito paciente com Seus discípulos, que só entenderam o que ocorreu com eles durante o tempo que passaram com Cristo após Sua ressurreição. Por quê? Porque o foco de Jesus estava no processo, não no resultado. Em se tratando de pessoas, e elas são o foco, todo discipulador precisa considerar as variáveis do processo. As pessoas são solos diferentes que podem ou não produzir uma farta colheita. O foco no processo, e não nos resultados, ajuda todo discipulador a não desistir da jornada quando ela não evidencia os frutos que se espera.

**Espiritualidade.** Discipulado transformador ocorre quando a vida de Cristo presente em uma pessoa é transferida a outra. Esse é o aspecto mais importante. Nesse contexto, a dependência do Espírito é algo contínuo e intenso, pois o produto final que se deseja é a transformação de vidas e a continuidade dessa dinâmica em outras pessoas.

## Rede de pequenos grupos

O ideal é que os conceitos antes mencionados sejam aplicados em uma rede de

liderança e pastoreio que conecta os pequenos grupos a um processo contínuo de discipulado. O sistema é composto pelo *pastor*, líder geral da rede no distrito; pelo *coordenador de pequenos grupos*, líder principal da rede na congregação; pelos *supervisores*, responsáveis por apoiar os líderes de pequenos grupos; e, por fim, pelos *líderes* de pequenos grupos.

Geralmente o desenvolvimento de pequenos grupos na comunidade local se inicia com um protótipo. Este é o pequeno grupo modelo, composto por aqueles que serão líderes dos novos pequenos grupos no processo de implantação da rede em uma igreja. Preferencialmente o líder do protótipo deve ser o pastor distrital.

### Passos iniciais

**Oração.** O pastor deve buscar a orientação divina para escolher as pessoas que participarão do protótipo.

**Escolha.** Após orar e observar o perfil dos possíveis participantes, o pastor deve escolher as pessoas que farão parte do protótipo. O pequeno grupo deve ter entre 12 e 18 pessoas, conforme o número de membros na igreja.

**Visitação.** As pessoas escolhidas devem ser visitadas pelo pastor, que fará o convite para os encontros do protótipo.

**Encontro geral.** Aqueles que aceitarem o convite deverão se encontrar, preferencialmente na casa do pastor, para uma reunião cujo objetivo é analisar e refletir sobre a condição da igreja local e o sonho de ser uma comunidade mais acolhedora, amorosa, reavivada e missionária. Nesse encontro, os participantes devem receber algum livro que fundamente a visão de discipulado a ser implementada. Algumas sugestões são *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (CPB, 2005), *Pense Grande, Pense em Pequenos Grupos* (Nogueirense, 2006) e *Nos Passos do Mestre* (CPB, 2013).

### Líder

Durante o protótipo, o pastor, como líder do pequeno grupo, deve instruir os

participantes na teoria e na prática da vida em comunidade. Ele deve ser uma pessoa de oração e um modelo de pastoreio. É fundamental que se dedique à leitura de bons livros que o ajudem a crescer em sua liderança, bem como na formação e consolidação de uma visão bíblica de discipulado e pequenos grupos. O exemplo dele deve se perpetuar na vida dos líderes que sairão do pequeno grupo protótipo.

### Líder aprendiz

Em tese, cada membro do pequeno grupo protótipo deve ser um líder aprendiz. Assim, deve ser discipulado pelo pastor, a fim de se preparar para estabelecer seu pequeno grupo. É importante lembrar que todo líder precisa, com oração, buscar alguém que, depois de preparado, esteja apto a assumir a liderança de um pequeno grupo resultante da próxima multiplicação.

### Encontros regulares

As reuniões do protótipo devem ocorrer semanalmente, preferencialmente às sextas-feiras. O foco é o estudo relacional da Bíblia. Além desses encontros semanais, haverá necessidade de realizar reuniões extras para formação teórica. Devem ser abordados temas que fundamentem a vida em comunidade e a importância do discipulado para igreja.

Os encontros precisam ocorrer em um local definido. Isso cria um senso de identidade, constância e segurança. É muito difícil produzir um ambiente familiar se nos reunimos a cada semana em uma casa diferente.

Uma vez que as reuniões provocarão uma significativa mudança de pensamentos, valores e paradigmas, é necessário que seus participantes se dediquem à oração, vigílias de curta duração, jejuns coletivos, retiros de um dia e outras atividades devocionais. Isso definirá o sucesso de todo o processo inicial e de cada pequeno grupo oriundo do protótipo.

### Multiplicação

O período de encontros com o pequeno grupo protótipo deve durar entre quatro e seis meses. Após esse tempo, ocorre algo muito especial: a multiplicação, quando o pequeno grupo protótipo se transforma em novos pequenos grupos. Por volta do quinto mês, os passos iniciais desempenhados pelo pastor como líder do protótipo devem ser repetidos pelos novos líderes na formação de seu próprio pequeno grupo.

### Gerenciamento

Com a multiplicação, surge a necessidade de estabelecer a estrutura de liderança da rede de pequenos grupos. Ainda durante o período de realização do protótipo, o pastor seleciona o líder mais promissor e se dedica a prepará-lo para ser supervisor após a primeira multiplicação. Esse líder deve evidenciar espiritualidade, credibilidade, tato, bom relacionamento e vibração com pequenos grupos. À medida que os pequenos grupos se multiplicam, outros supervisores são escolhidos para cuidar de três a cinco líderes. Durante esse processo, um supervisor deve ser capacitado para se tornar o coordenador de pequenos grupos da igreja. Será sua responsabilidade coordenar o trabalho dos supervisores e pastoreá-los. Para cada cinco líderes, um supervisor, e para cada cinco supervisores, um coordenador.

Para gerenciar essa rede são necessários encontros semanais, com o coordenador e os supervisores, e quinzenais, com coordenadores, supervisores e líderes, para ajustes no foco, aprofundamento da visão, motivação e inspiração.

### Escola de líderes

Para capacitar os futuros líderes de pequenos grupos fora do protótipo é necessário estabelecer uma escola de líderes. Ela trabalha com os líderes aprendizes que são membros de um pequeno grupo.

Seu currículo inclui fundamentos teóricos, práticos e metodológicos de liderança, e pode ser conduzida de três maneiras: (1) intensiva, em um fim de semana; (2) bimestral, ocorrendo em oito encontros semanais de uma hora cada; e (3) trimestral, realizada uma vez por mês em três manhãs de domingo.

### Conclusão

É impressionante o impacto positivo que uma rede de pequenos grupos promove na igreja. A comunidade se torna mais espiritual, amorosa, receptiva e missionária. Quanto mais fortes forem os pequenos grupos, mais dinâmica e atrativa será a igreja local. Cristo será visto na vida de Seus membros, pois a maior evidência a favor do evangelho é a unidade visível dos cristãos.

Portanto, uma igreja que tem seus membros reunidos semanalmente orando, estudando a Bíblia, se relacionando e evangelizando está cumprindo seu papel na missão que Cristo nos confiou. **M**

### Referências

- 1 John MacArthur, *Doze Homens Extraordinariamente Comuns* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2002), p. 44.
- 2 Steve Addison, *Movimentos que Mudam o Mundo* (Curitiba, PR: Editora Esperança, 2011), p. 29.
- 3 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 143.
- 4 Elias Brasil de Souza, "Pequenos Grupos no Antigo Testamento", em Alberto R. Timm e Jolivê Chaves (orgs.), *Pequenos Grupos: Aprofundando a Caminhada* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 10.
- 5 William Beckham, *A Segunda Reforma* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2007), p. 79.
- 6 A. B. Bruce, *O Treinamento dos Doze* (São Paulo: Arte Editorial, 2005), p. 47.
- 7 Gregory Ogden, *Discipulado que Transforma: El Modelo de Jesus* (Barcelona: Editorial Clie, 2006), p. 72.



Gentileza do autor

**Manoel Nunes**, mestre em Teologia (Unasp, EC), é líder do ministério de Pequenos Grupos e Escola Sabatina para a região centro-oeste do Brasil

# Quando **menos** pode ser **mais**

A lógica de Cristo deve nos ajudar a enxergar as oportunidades de salvação

Marcos Militão dos Santos

Nesses últimos tempos, venho observando como a pós-modernidade tem afetado a espiritualidade da igreja, estimulando cada vez mais a “idolatria”. Percebo também que tanto os de fora quanto os de dentro têm sido cada dia mais afetados pelo materialismo, pela tecnologia, pela praticidade e pelo conforto, bem como pelo desdobramento de todas essas coisas. Desse modo, as pessoas têm

se concentrado cada vez mais e usufruído cada vez menos dos benefícios da simplicidade, daquilo que é saudável, do coletivo e do espiritual.

O conceito do menos pode ser mais está implícito no relato bíblico. Por exemplo, João Batista pediu que seus seguidores olhassem cada vez menos para ele e cada vez mais para Jesus como exemplo de vida (Jo 3:30). Paulo recomendou que, para correr com mais desenvoltura e disciplina a carreira cristã, devemos nos livrar

de todo peso e pecado que nos prende (Hb 12:1). Nesse caso, quanto *menos* apegados a algumas coisas, *mais* facilmente poderemos correr a carreira da fé.

Diferentemente da atual sociedade, Jesus, o Mestre da simplicidade, não Se deixou sobrecarregar pelas *coisas*, mas Se concentrou em *pessoas*. O modelo do “menos para mais” praticado por Cristo é algo impactante e exponencial. A partir do contato com Seus discípulos e ouvintes, notamos que Ele dedicou a maior parte de Seu curto ministério ao ensino e à prática da comunhão, do relacionamento e do cumprimento da missão.





Práticas e ensinios	Texto	Nível
A comunhão precede a missão.	Mt 4:19	Comunhão
Misturava-Se intencionalmente com as pessoas para anunciar o reino.	Mt 4:23; 9:35	Relacionamento
Supria-lhes as mais profundas necessidades.	Mt 4:23; 9:35	Missão
Sempre procurava fazer mais do que o esperado.	Mt 5:38-42	Relacionamento
Quando a intenção é salvar, devemos agir indistintamente.	Mt 9:12	Relacionamento
Antes do envio, faz-se necessário um claro planejamento.	Mt 10:5-23	Missão
Ir em busca dos perdidos é mais prazeroso do que ficar entretendo os salvos.	Mt 18:13, 14	Missão
Para Deus, o maior é aquele que está mais disposto a servir ao próximo.	Mt 20:26, 27	Relacionamento
As maiores inquietações e interrogações do ser humano precisam de ambiente favorável e oportunidade para ser esclarecidas.	Mt 24, 25	Relacionamento
Quanto maior o problema, maior deve ser a dependência do Pai.	Mt 26:36-46	Comunhão
“Ide, fazei discípulos” – o nível mais elevado e de maior comprometimento do discipulado.	Mt 28:18-20	Missão

Quando lemos o evangelho de Mateus sob a ótica da simplicidade do Salvador, percebemos que Ele evitava ficar refém das preocupações cotidianas, a fim de estar sempre pronto para servir, ensinar e cuidar de pessoas. Seu modo de atuação, esboçado no quadro acima, ajuda a compreender os níveis de Seu processo discipulador.

As práticas e os ensinamentos de Jesus demonstram que Ele Se concentrava na equação do *menos* para *mais* em três áreas. Revelam também que Seu investimento na formação de discípulos foi intenso e intencional.

Não encontramos nenhuma evidência de que Jesus vivesse estressado, sem energia, exausto, nem constantemente Se queixando da vida. Pelo contrário, percebemos que o Mestre do simples tomava as devidas providências para simplificar Sua vida, evitando o que poderia sobrecarregar-Lhe ou desviar Seu foco do que era importante.

## Menos agitação, mais comunhão

A pós-modernidade tem contribuído para o aumento descontrolado do ativismo. Contudo, os que são adeptos das agendas sobrecarregadas e vivem cercados por um redemoinho de afazeres precisam refletir na lição deixada por Cristo em

Lucas 10:38-42. Marta, preocupada com os afazeres materiais, foi censurada pelo Mestre, e suas *muitas* tarefas foram reprovadas. Por outro lado, o *mínimo* de Maria, na escala do Céu, foi elevado ao máximo. Em questões espirituais, a equação é simples: *menos* agitação e *mais* comunhão.

Corremos o mesmo risco. Estamos cercados por tantas inovações, tantas informações e tantos afazeres que facilmente podemos perder de vista o alvo maior: a Quem servimos, em vez de aquilo que fazemos.

Geralmente, quando valorizamos mais a agitação do que a comunhão, nos tornamos pessoas inquietas, impacientes e agitadas, a exemplo de Marta. No entanto, o problema não resulta do fato de nos envolvermos com muitas ocupações, mas porque invertemos a prioridade: mais agitação em vez de mais comunhão.

Nesse relato de Lucas fica evidente que, para Jesus, o melhor consiste em menos agitação “todo o dia” e mais comunhão “o dia todo”. Isso deve alterar radicalmente nossas práticas cotidianas e nos enquadrar na expectativa do Céu: menos curtidas sobre Jesus e mais contato com Jesus. Menos compartilhamentos sobre Jesus e mais contemplação de Jesus. Menos contato virtual com os amigos e mais contato pessoal com o amigo Jesus.

Não esperemos chegar ao limite para perceber que um espírito agitado, frenético, acelerado e descontrolado prejudica o crescimento espiritual e causa desânimo em ministrar aos outros. Talvez seja necessário eliminar urgentemente algumas atividades da vida pós-moderna para retomar a essência da vida espiritual com o Senhor.

A atitude do Mestre da simplicidade mostra que Marta “precisava de menos ansiedade em torno das coisas que passam, e mais pelas que permanecem para sempre”.<sup>1</sup> Isso reforça a ideia de que “a comunhão com Deus comunicará aos esforços do pastor um poder maior que a influência de sua pregação. Não se deve ele permitir privar-se desse poder”.<sup>2</sup>

Portanto, reflita: o que é que *menos* em sua vida pode ser *mais* para Deus?

## Menos virtual, mais real

Uma nova doença chamada *nomofobia* tem feito com que as pessoas fiquem cada vez mais isoladas umas das outras. A dependência dos relacionamentos por meio de contatos virtuais tem levado as novas gerações a buscar saber cada vez mais sobre as pessoas e a ter cada vez menos o desejo de estar com elas.

O relato de Lucas a respeito de Jesus na casa de Marta, Maria e Lázaro (Lc 10:38-42) mostra-nos que os relacionamentos são

indispensáveis para se alcançar um fim. De acordo com o texto, Marta não deu muito crédito a isso. Entretanto, o que fica claro é que Cristo sempre foi intencional em Seus contatos, procurando fazer com que nada viesse atrapalhar Seu alvo principal: as pessoas.

Ellen G. White declara que Ele gostava de frequentar esse lar, quando precisava escapar dos contatos frios, suspeitos e invejosos dos fariseus. “Ali recebia sincero acolhimento, pura e santa amizade. Ali podia falar com simplicidade e liberdade perfeitas, sabendo que Suas palavras seriam compreendidas e entesouradas.”<sup>3</sup> Em um ambiente virtual e distante, esse tratamento se torna praticamente impossível.

Às vezes agimos de maneira parecida com a de Marta: perdemos a oportunidade de nos relacionar, de aprender e de ensinar por meio dos relacionamentos. Ficamos isolados, somente nos contentando com a sensação de estar perto. Distante dos contatos pessoais, corremos o risco de deixar de valorizar as pessoas.

De acordo com Diogo Schelp, o Brasil lidera o ranking dos países que mais crescem nos relacionamentos virtuais, com um alcance mensal superior a 29 milhões de pessoas. Segundo o autor, é mais fácil administrar uma enorme rede de contatos virtuais, mesmo que seja de modo superficial, porque todos eles estão apenas ao alcance de um clique.<sup>4</sup>

Os contatos virtuais não devem ser um fim em si mesmos, mas devem nos levar a uma aproximação mais estreita, madura e pessoal, que gere conhecimento suficiente para ministrar às necessidades mais profundas do nosso próximo.

Ninguém está imune à síndrome de Marta, preferindo, muitas vezes, ficar isolado em qualquer ambiente, “preocupado com muitas coisas”, em vez de se relacionar e interagir pessoalmente na sala principal.

Portanto, reflita: será que não estamos precisando de um pouco *menos* de

informações sobre as pessoas para estar um pouco *mais* com elas?

## Menos omissão, mais missão

A missão e a omissão se definem quando decidimos ou não amar as pessoas indistintamente. Trata-se, portanto, de uma decisão pessoal e intransferível. A mais sublime de todas as decisões. Ela se reveste de especial valor pelo fato de ser uma atitude gerada, praticada, recomendada e esperada pelo Mestre da simplicidade.

O evangelho de João registra a história de uma mulher pecadora, desprezada e necessitada, que providencialmente se encontrou com Jesus à beira de um poço (Jo 4:1-42). Do ponto de vista humano, seria mais fácil e natural se omitir do que dar atenção a alguém cuja reputação era questionável.

Jesus, entretanto, contrariando o conceito e a cultura da época, não se eximiu de amar indistintamente. “O Salvador, porém, buscava a chave para esse coração, e com o tato nascido do divino amor, pediu, não ofereceu um favor.”<sup>5</sup> Esse encontro inusitado não estava em Sua agenda “oficial”. Contudo, Cristo sempre esteve atento e disponível às oportunidades de salvação. Se quisermos nos tornar mais semelhantes a Ele e menos parecidos com os omissos, “precisamos estar disponíveis ao Espírito de Deus, para ver e valorizar os necessitados mais do que valorizamos nossa agenda”.<sup>6</sup>

O Espírito Santo nos guiará e levará aonde existem corações necessitados Dele. Decidir amar indistintamente aqueles com quem entramos em contato ou nos omitir friamente é mais do que uma questão de decisão: envolve salvação ou perdição.

Quando Deus nos coloca em contato com alguém ou ainda nos conduz a um endereço “aparentemente” errado, Ele não espera uma desculpa nem uma impressão de que foi coincidência. Não! Ele espera que aceitemos

Sua providência e que não nos omitamos a cumprir a missão, ministrando aos corações em que Ele já começou a trabalhar.

Portanto, reflita: por quem eu devo me omitir *menos* e me dedicar *mais*?

## Conclusão

Na vida espiritual, relacional e missionária, *menos* pode ser *mais* quando seguimos os passos e imitamos o exemplo do Mestre da simplicidade, Jesus.

Talvez, em alguns momentos não percebamos que estamos trilhando uma rota que pode facilmente nos distrair e desviar do alvo principal. Geralmente distrações como tempo excessivo ao celular, diante da televisão, nas redes sociais, ao computador, em jogos, no lazer e em outras coisas que nos trazem prazer momentâneo produzem atraso no cumprimento da missão que o Senhor nos confiou.

Precisamos ser conscientes de que o que pode estar nos distraindo hoje poderá nos destruir amanhã. Como líderes do corpo de Cristo, precisamos ajudar a multiplicar o número de pessoas ao nosso redor que pensam e agem sob a perspectiva de *menos* para *mais*, tornando real a proposta e os ensinamentos de Jesus. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 525.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 362.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 524.

<sup>4</sup> Diogo Schelp, “Nos Laços (fracos) da Internet”, VEJA, julho 2009, p. 94-102.

<sup>5</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 184.

<sup>6</sup> John Burke, *O Barro e a Obra-Prima* (São Paulo, SP: Vida, 2015), p. 76.



**Marcos Militão dos Santos**, mestre em Liderança (Universidade Andrews), serve como secretário executivo para a Igreja Adventista em Alagoas

# Discipulado e serviço

O apóstolo João sintetiza a encarnação de Jesus nas intrigantes palavras: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14). O termo grego traduzido como “habitou” (*skēnoō*) vem da mesma raiz do substantivo “tabernáculo” (*skēnē*) e indica a intenção de João de relacionar a encarnação de Cristo com a construção do tabernáculo, cujo objetivo principal era a “habitação” de Deus no meio do povo. O livro de Hebreus afirma que Jesus participou da “carne e sangue” da humanidade (Hb 2:14). Essa disposição de Cristo envolveu coisas como sentir fome, sede e cansaço, mas também experimentar emoções como pesar, surpresa, compaixão, indignação e tristeza.

Jesus definiu Sua missão transcultural com palavras muito claras, de modo que é impossível não compreender o que Ele veio fazer na Terra: “Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido” (Mt 18:11). Sua missão envolve dois princípios absolutamente inseparáveis: o serviço e o discipulado.

## Missão por meio do serviço

A *missio Dei* está intrinsecamente ligada ao ato de enviar. O apóstolo Paulo diz que “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4:4). Diversas vezes no evangelho de João, Jesus Se refere ao Pai como “Aquele que Me enviou” (ex., Jo 8:16, 26, 29). Na profecia de Isaías, o Cristo pré-encarnado afirma: “Agora, o Senhor Deus Me enviou a Mim e o Seu Espírito” (Is 48:16).

Conforme Mateus 20:28, Jesus veio *para servir* (*diakonēsai*). Essa forma verbal grega

## Princípios fundamentais da encarnação, vida e missão de Jesus Cristo

*Nilton Aguiar e Wagner Kuhn*



vem do verbo *diakonēo*, que tem a mesma raiz do substantivo *diakonos*, traduzido como diácono. O serviço prestado por Jesus é apresentado no mesmo versículo a partir de outro verbo, cujo tempo, modo e voz coloca-o em íntima relação com o verbo *servir*: é o verbo *dar*. Uma tradução alternativa para esse versículo é: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, isto é, dar a vida em resgate de muitos.”<sup>1</sup> Essa ideia aparece precisamente em João 3:16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que *deu* Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” O ato do Pai enviar Seu Filho é visto como dádiva, assim como o ato do Filho Se entregar também o é. A disposição de dar demonstra que a missão de Cristo não implica apenas morrer como homem, mas viver como tal. Por isso, os evangelhos indicam constantemente que Ele Se misturou com as pessoas a quem queria salvar.

No evangelho de Mateus, Jesus é visto como um grande professor (ex., Mt 7:28; 13:53, 54; 22:16). Em um de Seus famosos discursos, o sermão da montanha (Mt 5-7), Cristo ensina qual o padrão ético e moral aprovado pelo Céu. Em Mateus 5:1, 2 encontramos a motivação para essa aula: “*Vendo Jesus as multidões...*”

Em Mateus 18:1-35, enquanto Jesus profere Seu quarto discurso,<sup>2</sup> ensinando aos discípulos como é a vida comunitária em Seu reino, as multidões ouvem Suas palavras (Mt 19:1, 2). A expressão “as multidões” (*hoi ochloi*) e suas variações ocorre 25 vezes em Mateus, o que demonstra seu interesse em mostrar que o ministério de Jesus se desenvolve em meio às pessoas que Ele veio salvar.

Enquanto Mateus está mais interessado em relatar o que Jesus disse, Marcos está mais interessado em dizer o que Ele fez. Os eventos predominam nesse evangelho, e os discursos ou são reduzidos (Mt 24; cf. Mc 13) ou não existem (Mt 5-7). A narrativa é dinâmica, com um largo uso do termo “imediatamente” (*euthys*), que ocorre 41 vezes, mais do que em todo o restante

do Novo Testamento (10 vezes). O uso desse termo, quando associado às ações de Jesus, demonstra o interesse de Marcos em mostrar que Ele não apenas agiu, mas agiu com rapidez (ex., Mc 1:10, 43). Além disso, em Marcos, Jesus não apenas Se mistura com as pessoas, Ele toca nelas e é tocado por elas. Por exemplo, Seu toque trouxe cura a um leproso (1:41); à mulher com fluxo de sangue (5:27); à filha de Jairo (5:41) e ao homem surdo e gago (7:33). O toque de Jesus se transforma em algo que as multidões buscam com tamanha avidéz, que “onde quer que Ele entrava, em cidades, aldeias ou campos, colocavam os enfermos nas praças. Rogavam-Lhe que ao menos os deixasse *tocar* na orla da Sua veste, e todos os que a *tocavam* saravam-se” (6:56).

No evangelho de Lucas, Jesus está envolvido com todas as classes de pessoas: samaritanos (9:51-56), gentios (4:25-27), judeus (1:33, 54, 68-79), publicanos, pecadores e proscritos (15:1, 2, 11-32), fariseus (7:36), pobres (2:7, 8, 24), ricos (19:2), mulheres (Isabel, Maria, a profetisa Ana, a viúva de Naim, Maria Madalena, Joana, Susana, as filhas de Jerusalém e muitas viúvas) e crianças (18:15-17). Lucas busca enfatizar um Jesus acessível e que serve a todos (Lc 22:27).<sup>3</sup> No livro de Atos, ele demonstra que essa acessibilidade e esse serviço devem ocorrer por meio dos discípulos.

No evangelho de João, encontramos um exemplo da disposição de Jesus para o serviço que não encontramos nos evangelhos sinóticos. Ele é o único que relata a experiência do lava-pés (Jo 13:4, 5). Nesse evangelho, Jesus realiza exatamente sete grandes milagres:<sup>4</sup> transforma água em vinho (2:1-11); cura o filho do oficial do rei (4:46-54); cura o paralítico de Betesda (5:1-18); multiplica pães (6:1-15); caminha sobre as águas (6:16-21); cura o cego de nascença (9:1-41) e ressuscita Lázaro (11:1-57). Ao mencionar sete milagres, João parece querer mostrar o caráter perfeito da obra de Cristo. Assim, o Verbo encarnado não veio ao mundo simplesmente para prestar um serviço à humanidade. Ele veio ao

mundo para prestar à humanidade um serviço perfeito.<sup>5</sup>

Na linguagem de Paulo, Cristo assumiu “a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” (Fp 2:7) para servir a humanidade caída, e o Seu serviço diz respeito ao empreendimento divino de salvar a raça humana. Encontramos nesse versículo duas orações participiais que explicam o “esvaziamento” de Cristo. Ele Se esvaziou (1) assumindo a forma de servo e (2) tornando-Se semelhante aos homens. A expressão “forma de servo” encontrada na primeira oração participial pode significar algo semelhante ao que encontramos em Gálatas 5:13, em que o apóstolo ordena que os irmãos sirvam uns aos outros em amor. Contudo, o mais provável é que ele esteja pensando no Servo do Senhor de Isaías 42-53. A segunda oração participial lança luz sobre a primeira, isto é, tornar-se homem foi o maior serviço que Cristo prestou à humanidade,<sup>6</sup> pois assim, tendo Se misturado com os homens, Ele pôde compadecer-Se de suas fraquezas (Hb 4:15).

## Missão por meio do discipulado

Jesus empreendeu um intenso processo de discipulado durante Seu ministério terrestre. Por exemplo, em Mateus 10, podemos encontrá-Lo assentado com os discípulos em árduo treinamento. Após concluir uma aula teórica, Ele saiu com o grupo para uma aula prática (Mt 11:1 cf. 12:1). Já o discurso registrado em Mateus 18 é motivado por uma pergunta formulada pelos discípulos (v. 1). A interação entre eles e Jesus durante essa aula pode ser vista a partir da intervenção de Pedro (v. 21), a fim de saber quantas vezes deveria perdoar o próximo. A resposta de Cristo veio na forma de uma ilustração por parábola.

No evangelho de Marcos, encontramos fortes declarações sobre o custo do discipulado. A incompreensão é um duro quinhão a ser enfrentado constantemente (Mc 3:21-30); a renúncia de si mesmo é algo necessário no processo, mas também

há recompensas, apesar das perseguições (Mc 10:29, 30); e finalmente, o discipulado pode levar ao martírio (Mc 10:33, 34).

Entretanto, em relação ao processo de discipulado, nada é mais urgente nas palavras de Jesus do que a injunção “fazei discípulos” (Mt 28:18-20). Na conclusão de cada evangelho encontramos um chamado à missão. Denominamos esse chamado de a Grande Comissão. E ela é grande porque, conforme afirma Ellen G. White, Jesus incluiu todos os crentes até o fim dos tempos.<sup>7</sup>

Conforme Herbert Kiesler declara, em Mateus 28:18-20 há uma tríplice ordem: “(1) ir e fazer discípulos de todas as nações; (2) batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e (3) ensinar-lhes a guardar tudo o que Ele lhes ordenou”.<sup>8</sup> O texto grego é muito instrutivo. O único verbo no imperativo é *fazer discípulos* (*mathēteuō*). Os demais estão no participio e, por essa razão, subordinados ao verbo principal no imperativo. Desse modo, uma tradução alternativa é: “fazei discípulos, indo, batizando e ensinando”.

O verbo traduzido como *ir* pode ser verificado como *enquanto vós ides* ou *à medida que vós ides*, *fazei discípulos*. Nesse sentido, *fazer discípulos* se apresenta como um estilo de vida, algo que fazemos por onde passamos. Para tanto, batizamos as pessoas e lhes ensinamos as ordens de Jesus. É importante ressaltar que os verbos não estão colocados em ordem cronológica, ou seja, primeiro batizamos e depois ensinamos. No processo do discipulado, o ensino é algo que deve ocorrer *antes* e *depois* do batismo. O novo discípulo deve formar outro discípulo que, por sua vez, deve formar outro, que deve formar outro, indefinidamente.

Assim como ocorreu em Mateus 28:19, onde o verbo *ir* indica um estilo de vida expresso na ordem *fazei discípulos*, isso acontece em Marcos 16:15. De fato, a forma verbal grega, aoristo, é exatamente a mesma em ambos os casos. Nesse sentido, a ênfase da frase não é quando começa ou

termina a ação, mas a necessidade de executá-la a todo instante. Ademais, embora o verbo *ir* não esteja no imperativo, ele possui a força de um imperativo, tendo em vista que está subordinado ao verbo imperativo da oração principal tanto em Mateus 28:19 quanto em Marcos 16:15.<sup>9</sup> Sem a ação de *ir*, não há proclamação. Desse modo, a ação de *ir* é tão compulsória quanto a ação de *fazer discípulos*.

Quando observamos o Novo Testamento, percebemos que os apóstolos aprenderam com Jesus como desenvolver de maneira eficaz o serviço e o processo de discipulado, os quais estão intrinsecamente ligados. Eles se misturaram com as pessoas, de tal modo que os encontramos frequentemente entre as multidões (ex., At 5:12; 11:26); passaram por dificuldades (2Co 11:16–12:10, etc.), aliviaram o sofrimento alheio (At 5:15, 16); desenvolveram o ministério do ensino (At 19:9) e empreenderam um vigoroso trabalho de discipulado.

Finalmente, à semelhança de seu Mestre, eles também foram martirizados por seus inimigos, como foram os casos de Estêvão (At 7:54–60); Tiago, irmão de João (At 12:2); Paulo (2Tm 4:6) e tantos outros (Hb 11:37). Conforme declara Dietrich Boenhoeffer, “o discípulo é arrancado de sua relativa segurança de vida e lançado à incerteza completa [...]. O discipulado é comprometimento com Cristo; por Cristo existir, tem que haver discipulado”.<sup>10</sup> Esse chamado se estende a todos os que estão dispostos a levar a cruz de Cristo. De fato, “a cruz é imposta a cada crente. [...] Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte”.<sup>11</sup>

Portanto, tendo em vista que as condições do discipulado envolvem renúncia, permanência em Cristo, frutos, sofrimento e morte, a Grande Comissão de Mateus 28:18-20, em última instância, é mais do que um chamado para fazer discípulos – *ir*, ensinar e batizar –, mas um chamado para ser semelhante a Cristo, viver como Cristo

e servir como Cristo. Em outras palavras, é um chamado para “encarnar” as características do próprio ministério e vida de Cristo, seguindo-O em Sua missão por meio do serviço e do discipulado. **M**

## Referências

*Nota:* Adaptado de “The Incarnation of Christ: Mystery and Model of Mission”, em Artur Stele (ed.), *The Word: Preaching, Living, Teaching* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2015), p. 257-283.

<sup>1</sup> Conferir D. A. Hagner, *Matthew 14-28* (Dallas, TX: Word, 2002), p. 582.

<sup>2</sup> O evangelho de Mateus está organizado em cinco grandes discursos de Jesus, que parecem estar em paralelo com o Pentateuco. A intenção é mostrar que Jesus é o novo Moisés, porém maior do que ele. Para mais detalhes, ver D. A. Hagner, *Matthew 1-13* (Dallas, TX: Word, 2002); D. A. Hagner, *Matthew 14-28* (Dallas, TX: Word, 2002).

<sup>3</sup> Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to S. Luke* (Londres: T&T Clark International, 1896).

<sup>4</sup> Jon Paulien. *The Deep Things of God* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2004).

<sup>5</sup> Ver Wagner Kuhn, *Transformação Radical: Em Busca do Evangelho Integral* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016), p. 61-65.

<sup>6</sup> G. D. Fee, *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2007), p. 387.

<sup>7</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 822.

<sup>8</sup> Herbert Kiesler. “As Ordenanças: Batismo, Lava-pés e Ceia do Senhor”, em Raoul Dederen (ed.) *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 648.

<sup>9</sup> Conferir D. A. Hagner, *Matthew 14-28* (Dallas, TX: Word, 2002), p. 886.

<sup>10</sup> Dietrich Boenhoeffer, *Discipulado* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004), p. 21.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 46.



Gentileza do autor

**Nilton Aguiar**, mestre em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco), é doutorando em Teologia pela Universidade Andrews



Gentileza do autor

**Wagner Kuhn**, doutor em Missiologia (Seminário Teológico Fuller), é diretor do programa de doutorado em Missiologia na Universidade Andrews

# Cuidado e multiplicação

Conheça as principais iniciativas da Igreja Adventista na América do Sul para 2018

Erton Köhler

**D**isciplinado. Com certeza essa palavra, e tudo o que ela envolve, está cada dia mais presente em seu ministério, suas leituras, seus concílios e seu trabalho com a igreja. Por um lado, estamos insistindo e reforçando essa visão, pois ela resolve uma de nossas grandes carências. Por outro, corremos o risco de tornar a palavra tão comum, repetida e aberta, que venha a perder seu real significado.

Por isso, é importante estabelecer algumas bases bem claras para que esse processo seja mais consistente.

**Lema:** “Gente cuidando de gente.” As pessoas estão cada vez mais carentes, e

o inimigo tem sido cada vez mais intenso em suas tentações. Por isso a igreja precisa desenvolver um forte ambiente relacional, em que as pessoas se sintam abraçadas, amadas, cuidadas e conectadas, ao mesmo tempo em que constroem uma sólida base bíblica e fortalecem sua identidade denominacional. Lembre-se das palavras de Bob Moawad, palestrante e escritor na área de liderança: “Ajude os outros a progredir. Você sempre se erguerá mais alto carregando alguém nos seus ombros.”

**Foco:** Cuidado de pessoas. Elas são a razão da existência da igreja e seu bem mais precioso. Não podemos nos esquecer de

que Jesus veio por pessoas, morreu por pessoas e quando voltar levará apenas pessoas ao Céu. Por mais importantes e necessários que sejam os projetos, metas e resultados, eles precisam estar a serviço de pessoas e não ser um fim em si mesmos.

**Método:** Liderança e disciplinado em rede, onde pastores e membros disciplinam e são disciplinados por alguém. Não podemos descansar até que todos na igreja estejam conectados, sejam atendidos e pastoreados.

**Estrutura:** Pequenos grupos ou unidades de ação da Escola Sabatina. Ambas as estruturas não podem ser concorrentes,

	Comunhão	Relacionamento	Missão
Ênfase	Primeira hora do dia na presença de Deus.	Vida em comunidade por meio de grupos relacionais.	Envolver cada membro na missão, por meio do uso de seus dons e talentos, fortalecendo o plantio de igrejas e o envolvimento das novas gerações.
Redes Sociais	#PrimeiroDeus	#VidaEmComunidade	#MeuTalentoMeuMinistério
Meta	Melhorar a qualidade da comunhão pessoal, aumentando em 10% as assinaturas de Lição da Escola Sabatina.	Aumentar em 10% o número de pequenos grupos e de participantes das unidades de ação da Escola Sabatina.	Alcançar um crescimento numérico real de 5% dos membros da igreja.
Ação	Incentivar a igreja a participar ativamente dos 40 dias do projeto <i>Primeiro Deus</i> . 10 Dias de Oração e 10 Horas de Jejum com ênfase na família: <b>22 de fevereiro a 3 de março</b> . 30 dias de jornada espiritual: de <b>4 de março a 2 de abril</b> .	Integrar e multiplicar os pequenos grupos e as unidades de ação, de acordo com o planejamento de cada União.	Integrar a igreja nas seguintes atividades: • Evangelismo de Semana Santa: <b>24 a 31 de março</b> . • Impacto Esperança em áreas de grande circulação de pessoas e Feiras de Saúde: <b>26 e 27 de maio</b> . • Evangelismo de Colheita: <b>17 a 24 de novembro</b> .

mas atuar integradas, uma completando a outra. É o conceito de vida em comunidade, “no templo e nas casas” (At 5:42), como nos dias da igreja apostólica.

**Alerta:** Precisamos de equilíbrio. Discipulado completo e consistente é como uma balança de dois pratos: cuidado e multiplicação, ou cuidado para a multiplicação. É preciso equilibrá-los. Se a ênfase for unilateral, o que deveria ser uma grande visão acabará se tornando uma simples promoção. A proposta vai fracassar, gerar polêmica, perda de apoio, até chegar ao descrédito. Equilíbrio é fundamental, pois multiplicação sem cuidado é ilusão,

ao mesmo tempo que cuidado sem multiplicação levará à acomodação.

**Objetivo:** Multiplicação de novos discípulos. Sem dúvida, o apoio e crescimento mútuos são fundamentais, mas a igreja foi organizada para cumprir a missão de preparar um povo para o encontro com o Senhor. Cuidamos bem do solo, mas sempre com o objetivo de alcançar uma grande colheita. Não movidos por alvos, promoções ou pressões, mas pela clara visão de missão e multiplicação, que são indicadores de qualidade, profundidade e foco do processo. Ellen G. White nos desafia a “trabalhar segundo o plano da adição, e o

Senhor operará segundo o plano da multiplicação” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 379). É como o fenômeno dos coelhos na Austrália. Em 1859, 24 deles foram colocados no país e, seis anos depois, sua população já era de 2 milhões de animais.

Com uma visão madura de discipulado, vamos atuar juntos mais uma vez em nosso projeto de ação integrada. Em 2018 teremos menos datas e um foco ainda mais claro para facilitar o cuidado e a multiplicação. Conto com seu envolvimento e promoção para que a igreja continue avançando unida. Quando o pastor vai à frente com paixão, a congregação sempre o segue com motivação.

## Missão

Fazer discípulos por meio de comunhão, relacionamento e missão.

## Visão

Que cada pastor, líder e membro da igreja seja discipulado e discipule alguém.

Fortalecer o discipulado e estabelecer uma estrutura de rede por meio de:

- Redução de datas, materiais e relatórios, aumentando o tempo dedicado ao trabalho pessoal que atenda às necessidades locais.
- Avaliação do processo por meio de um grupo reduzido de pastores e igrejas que se reúnam regularmente.

## Estratégia

Integrar os grandes projetos da igreja com um trabalho pessoal de discipulado.

## Propósito



Cortesia do autor

**Erton Köhler**, doutor honoris causa em Teologia (Universidade Peruana União), é presidente da Igreja Adventista para a América do Sul

# “Porque todos pecaram”

## Considerações sobre a soteriologia e antropologia paulinas a partir de Romanos 5:12

Leandro Velardo

O texto de Romanos 5:12 afirma que o ser humano experimenta uma condição antagonica ao propósito original de sua existência. Assim, entender o alcance e o impacto dessa “condição” parece ser a base de uma concepção holística da realidade que nos leva, quase naturalmente, à consciência de eventos que transcendem a realidade humana e, portanto, a história do planeta. O contexto pós-queda, acentuadamente antropocêntrico e, ao mesmo tempo, argumentando a desmistificação do conhecimento, questiona a obra de Deus na vida do homem. Nesse cenário, Romanos 5:12 se apresenta com ares de fundamento, de uma teologia que busca transcender para vivificar. É assim que a fraseologia paulina emerge, não somente para dar respostas, mas também para expressar sentidos.

### Observações exegéticas

A tese surge de caminhos e constantes tipológicas que, por meio de uma disposição argumentativa apriorística (é importante observar o marcador discursivo “por isso”

[*dià touto*] no início do v. 12, que se refere aos vv. 1-11), não deixam dúvidas sobre a responsabilidade humana acerca da terrível realidade dominante no planeta. A mudança do homem e seu meio são, como se apreende da terminologia paulina, consequências diretas da vontade humana (“transgressão” [*pará-basis*, v. 14; *paráptōma*, v. 15-20], “desobediência” [*parakoē*, v. 19]). No fim do versículo 12, encontramos a significativa e amplamente discutida sentença “porque todos pecaram” (*eph’ hō pántes hēmarton*).

Parte do debate se fundamenta nas possíveis conexões sintáticas e, portanto, teológicas, da fórmula *eph’ hō* (em que/porque), a qual é traduzida de modo equivocado na *Vulgata* como *in quo*, “em quem” (gr. *en hō*),<sup>3</sup> distinção linguística que, sem intenção de ser reducionista, acabou configurando o espaço hermenêutico no qual se desenvolveu o conceito de “pecado original”.<sup>4</sup>

Superando essa observação filológica bem conhecida, julgo que a construção “porque todos pecaram” (*eph’ hō pántes hēmarton*) articula uma realidade antropológica dual. As derivações hamartiológicas de Gênesis 3 têm achado confirmação e força coesiva (“pecaram” [*hēmarton*, aoristo

constativo com sentido distributivo]) no desenvolvimento histórico por meio da experiência de cada ser humano (“e assim”... “passou” [*kai houtōs... diēlthen*]). Como se entende a partir da leitura dessa passagem, o apóstolo observa no incidente de Gênesis 3, e suas derivações hamartiológicas, elementos de valor hermenêutico que lhe permitem articular a realidade humana tal e como a experimenta (etiologia).

Tendo esses antecedentes em mente, uma breve aproximação exegética do restante dos versículos que compõem essa perícopes (v. 13-21) pode ser esclarecedora. No versículo 13, e longe de qualquer hermenêutica antinômica, a preposição genitiva *achri* (“até”) e, particularmente, a referência sinaítica por detrás do uso anartroso de *nomos* (“lei”), rompem como uma alusão ao contexto pós-queda pré-sinaítico. O dativo de esfera *kósmos* (“mundo”) descobre um âmbito em que, sob o domínio do pecado, o ser humano é moldado por um meio que o antagoniza a respeito de seu Criador presumindo, ao mesmo tempo, um distanciamento ativo em relação à Divindade. A preposição dativa *en* (“em”), apelando a seu sentido estativo primário, reforça a ideia de “estado” ou “condição” (nuance preposicional antecipada pelo imperfeito progressivo *ēn* [“estava”]).

Nesse sentido, a frase “(o) pecado estava em (o) mundo” [*hamartía ēn en kósmō*]

...nos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

#### Adão e Cristo

12 Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado<sup>a</sup> no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.

13 Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei.

14 Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.

<sup>a</sup> Tradução: todos os homens se tornaram pecadores assim se referem ao pecado original, pois a natureza do homem foi corrompida desde o início. A morte passou a todos os homens, não porque todos pecaram, mas porque a morte entrou no mundo por causa do pecado de Adão.

6 Que dizemos no pecado abundante?

2 De modo que ainda no pecado estamos?

3 Ou, porventura, que fomos batizados para que fôssemos batizados para a morte pelo pecado?

4 Fomos, pois, batizados para a morte pelo pecado?

5 Porventura, que fomos batizados para a morte pelo pecado?

6 Porventura, que fomos batizados para a morte pelo pecado?

7 Porventura, que fomos batizados para a morte pelo pecado?

8 Porventura, que fomos batizados para a morte pelo pecado?

9 Porventura, que fomos batizados para a morte pelo pecado?



transcende o estritamente temporal e espacial para definir um “cenário” cuja manifestação tem sido acentuada e contrastada pelo evento de maior envergadura nomológica na história de Israel, o Sinai. O apóstolo oferece, acolhendo como fundamento a proposição hermenêutica veterotestamentária, uma teologização da cotidianidade que o circunda. O marcador discursivo “mas” (*allá*), no início do versículo 14, estabelece um marco hermenêutico para o conteúdo teológico exposto no versículo 13. Assim, o aoristo constativo *ebasíleusen* (“reinou”) com o uso artroso de *thánatos* (“morte”) resume e conceitua, respectivamente, uma característica importante do contexto posterior à queda. Nessa conjuntura, o domínio semântico de *parábasis* (“transgressão”) atesta uma realidade “legislada” e, conjuntamente, destaca em sua dimensão volitiva a participação da raça humana a respeito do paradigma reinante no planeta.

No versículo 15, o apóstolo determina (“mas” [*allá*]), adverte (“não como”... “assim também” [*ouch hōs... houtōs kaí*]) e, de maneira superlativa, contrasta (“muito mais” [*pollōi mallon*]) a relação tipológica entre Adão e Jesus Cristo assinalada no versículo 14 (“tipo do vindouro” [*typos tou mellontos*]). De fato, o aoristo ingressivo *apéthanon* (“morreram”), a força instrumental de *tō... paraptōmati* (“transgressão”) e o sentido atributivo de *tou henōs* (“do um”) revelam um enredo que medeia a relação entre Deus e a raça humana. É assim que o versículo 16 aprofunda a transcendência (“não como” [*ouch hōs*]) “por um lado, pois” [*mén gar*]) e o impacto soteriológico (“de um para condenação” [*henós eis katákrima*]) (“a partir de muitas transgressões” [*ek pollōn paraptōmatōn*]) da obra substitutiva e expiatória de Jesus.

Consequentemente, no versículo 17 Paulo aprofunda (“se pois... muito mais” [*ei gar... pollōi mallon*]) sua construção cristológica, retomando (v. 14) o conceito de

“reino” (*basileuō*) e definindo-o em sua extensão escatológica (“em [a] vida reinarão” [*en zōē basileúsousin*]). No versículo 18 pondera (“logo pois” [*ára ourn*]) e contrapõe (“assim... assim também” [*hōs... houtōs kaí*]) a ação divina mediadora (“por meio de um ato de justiça” [*di’ henōs dikaiōmatōs*]), tornando explícito seu resultado salvífico (“para justificação de vida” [*eis dikaiōsin zōēs*, genitivo epexegetico]). O versículo 19, debatendo entre uma indiferença decidida (“desobediência” [*parakoē*] – protologia [“foram constituídos”, *katestathēsan*]) e uma “obediência” (*hypakoē*) que se descobre sensível à vontade divina (escatologia – “serão constituídos”, [*katastathēsontai*]), anuncia a restauração da raça humana. Em harmonia com o que foi expresso nos versículos 13 e 14, e no versículo 20, estamos diante de um *hína* (“para que”) ecbático (“para que aumentasse a transgressão” [*hína pleonasēi to paraptōma*]).<sup>5</sup> A lei evidenciou, de maneira plena e inequívoca, a presença amarga e o efeito degenerativo do pecado no mundo. Como consequência, traz a nuance hamartiológica do aoristo ingressivo *ebasíleusen* (“reinou”), e o versículo 21 exhibe (“assim como... assim também” [*hōsper... houtōs kaí*]) uma hermenêutica cuja reflexão soteriológica se apoia na obra e no senhorio de Cristo.

O apóstolo esboça um cenário, um entorno, um espaço, um contexto que, de maneira invasiva, perpetua uma realidade hamartiológica de clara projeção antropológica.

## Conclusão

O discernimento soteriológico que ampara e dá sentido à antropologia paulina legitima claramente a intervenção escatológica de uma Divindade que se une com uma humanidade desvalida e despojada de sentido. Diante da impotência da raça humana, o poder salvífico de Deus se revela (“poder... para salvação” [*dynamis... eis sōtērian*, Rm 1:16]).<sup>6</sup> **IM**

## Referências

- Ver S. L. Johnson Jr., “Romans 5:12 – An Exercise in Exegesis and Theology”, em *New Dimensions in New Testament Study*, ed. R. Longenecker e M. Tenney (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974), p. 298-316.
- Em termos gerais, interpreta-se *eph’ hō* como uma contração de *epí tou tō hōti*, “pela razão que” (F. Blass, A. Debrunner e R. W. Funk, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature* [Chicago: University of Chicago, 1961], p. 154). Ver também H. W. Smyth, *Greek Grammar* (rev. Gordon M. Messing; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1956), p. 512; C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1959), p. 132; M. E. Thrall, *Greek Particles in the New Testament: Linguistic and Exegetical Studies* (NTTS 3; Leiden: E. J. Brill, 1962), p. 93, 94; J. H. Moulton e N. Turner, *A Grammar of New Testament Greek*, (Edinburgh: T. & T. Clark, 1963), 3:272; M. Zerwick, *El Griego del Nuevo Testamento*, 4ª ed. (Estella, Navarra: Verbo Divino, 2006), p. 68; M. J. Harris, *Prepositions and Theology in the Greek New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012), p. 139, 140. Em nível sintático, *eph’ hō* introduz a causa ou razão do que foi expresso na cláusula principal.
- R. Weber e R. Gryson, eds., *Biblia Sacra Luxta Vulgatam Versionem* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007), p. 1755 (*in quo omnes peccaverunt*). Para o texto grego ver E. Nestle et al, eds., *Novum Testamentum Graece* (28 rev. ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012), p. 490 (*eph’ hō pantes hēmarton*). Uma tradução latina apropriada de *eph’ hō* teria sido *quia*. Cf. P. G. W. Glare ed., *Oxford Latin Dictionary* (Oxford: Clarendon Press, 1968), p. 1550.
- V. Capanaga et al, eds., *Obras Completas de San Agustín* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1949), 6:389-459.
- A lei não “gerou” (*hína* tético) um cenário pecaminoso; de fato, ela “evidenciou” (*hína* ecbático) uma realidade pós-queda já consolidada.
- “Ao serem os resgatados recebidos na cidade de Deus, ecoa nos ares um exultante clamor de adoração. Os dois Adões estão prestes a encontrarem-se. O Filho de Deus Se acha em pé, com os braços estendidos para receber o pai de nossa raça – o ser que Ele criou e que pecou contra o seu Criador, e por cujo pecado os sinais da crucifixão aparecem no corpo do Salvador. Ao divisar Adão os sinais dos cruéis cravos, ele não cai ao peito de seu Senhor, mas lança-se em humilhação a Seus pés, exclamando: ‘Digno, digno é o Cordeiro que foi morto!’” (Ellen G. White, *O Grande Conflito* [Tatuá, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014], p. 647).




Gentileza do autor

**Leandro Velardo**, doutorando em Teologia (Universidade Adventista del Plata), é professor de Teologia na Universidade Adventista del Plata

# Em busca da verdade

*Lucas Ferraz  
Werter Gouveia*

**A possibilidade de  
extração de significado  
como um pressuposto  
hermenêutico adventista**



O ser humano se encontra no mundo como ser que questiona. A busca por entender o que está à sua volta, a si mesmo e aquilo que não se pode perceber tem movido a humanidade. Os antigos sábios gregos questionavam o funcionamento da natureza (*physis*) e buscavam sua origem (*psiche*). Cedo nasceu a filosofia como arte de busca pelo entendimento de Deus (*theos*), do homem e do mundo. No entanto, essa busca pressupõe que há algo a ser entendido, que o conhecimento é possível e existe uma verdade a ser descoberta.

Com o advento do cristianismo, a teologia cristã surge como tentativa de entender os mesmos conceitos (Deus, homem e mundo), mas a partir do Antigo e do Novo Testamento. Assim, o conceito de verdade continuou presente no sentido de que o escrutínio das Escrituras é a busca pela revelação divina da verdade.

Os cristãos herdaram esse entendimento da cosmovisão judaica, que tem como fundamento o fato de que os escritos religiosos hebreus surgiram como produto de direta revelação divina. Desde cedo, porém, tal teologia tem se consolidado sobre pressupostos filosóficos, inclusive os que se relacionam com a *verdade*.<sup>1</sup>

Vários métodos de interpretação desses escritos foram desenvolvidos com o tempo e, em todos eles, estava implícita a possibilidade de encontrar o “significado” do texto, que compunha a verdade absoluta e eterna na forma de informações de caráter espiritual necessárias à salvação do homem.

Entretanto, o despertamento crítico iniciado pelo Iluminismo mudou o paradigma metodológico de busca pela verdade, trazendo a experiência como fator indispensável para a aprovação de um dado conhecimento. Nesse tempo, a Bíblia também passou a ser analisada com um grau de racionalidade maior e com as mesmas ferramentas com que se examinavam outros documentos antigos.

Nesse contexto, pode ser vista uma mudança na ênfase hermenêutica: em vez de voltar-se para o texto buscando seu significado, passa-se a priorizar o conhecimento da cultura do autor e o contexto histórico (*sitz im leben*) de sua composição, para que seu verdadeiro intuito possa ser entendido e fazer sentido no mundo do intérprete.<sup>2</sup> De certa forma, essa corrente de pensamento incentivou o ceticismo quanto à origem e ao significado do texto bíblico. Entretanto, o conceito de verdade alcançável ainda existia.

Com o enfoque filosófico apresentado por Martin Heidegger, que coloca as realidades de Deus, homem e

mundo em um mesmo plano temporal-histórico, houve novamente alterações no plano hermenêutico. O significado do texto como algo possível de ser alcançado pelo intérprete foi questionado por Hans-Georg Gadamer, tendo em vista o problema filosófico da finitude humana e a abordagem constitutiva da linguagem.<sup>3</sup>

Gadamer descreve o trabalho do intérprete como sendo o de busca por entender-se a si mesmo, através do texto. Desse modo, o intérprete passa a ser o foco do trabalho hermenêutico. Assim, quando o horizonte histórico do texto se encontra com o horizonte de “pré-suposições” do intérprete, algo de significado pode ser encontrado.<sup>4</sup> Esse, contudo, nunca será o sentido intencionado pelo autor.

Um novo conceito de verdade e significado então nos é apresentado: a verdade existencial/histórica, que não necessariamente precisa ser taxada como “verdadeira” segundo a concepção iluminista, mas cumpre o papel de resposta aos questionamentos do homem em seu próprio tempo e espaço e é inalcançável em outro momento.

Essa perspectiva dá abertura a uma abordagem hermenêutica bíblica mais existencialista e antropocêntrica, incentivada por desafios culturais de grupos específicos (mulheres, índios, pobres, homossexuais, etc.), gerando interpretações distintas e, às vezes, divergentes.

É importante perceber também que Gadamer não defende uma subjetividade absoluta da verdade, mas que a verdade alcançável é, em si, limitada.<sup>5</sup> Uma aproximação do significado pretendido pode ser obtida, por exemplo, quando se leva em conta o horizonte histórico do texto e a tradição como reguladores do sentido descoberto.<sup>6</sup>

Esse conceito tem sido assimilado, se não a nível teórico, ao menos a nível prático, por muitos credos cristãos. Há, contudo, espaço para uma verdade existencial/histórica na cosmovisão adventista do sétimo dia?

## Perspectiva adventista

O mundo cristão no século 19 era marcado por considerável variedade de denominações protestantes que, apesar de erguerem a mesma bandeira quanto à obtenção da verdade *apenas* por meio da Bíblia, o faziam com base em textos selecionados e com um pano de fundo filosófico.

A novidade adventista foi a tentativa de se eliminar os filtros de caráter filosófico de qualquer época,

buscando se aproximar de uma “filosofia” bíblicamente fundamentada. Para que isso ocorra, é obrigatório que se aceite que a Bíblia “é”, e não “contém”, a palavra de Deus; que ela transmite conhecimento verdadeiro, eterno e útil para a salvação do homem; que os princípios e valores nela apresentados não são historicamente condicionados e que suas proposições que lidam com história são fidedignas, tanto no que se refere ao homem quanto a Deus.<sup>7</sup> Podemos dizer que o adventismo do sétimo dia surgiu do esforço de levar o princípio *sola Scriptura* a sério, incluindo nele os conceitos de *tota* e *prima Scriptura*,<sup>8</sup> tornando a Bíblia a base epistemológica para o real entendimento de Deus, do homem e do mundo e da interação entre os três.

Aproximando-se das Escrituras com esses pressupostos, os adventistas chegaram a conclusões que os distinguem como grupo e dão o motivo de sua existência, entre elas: a fidedignidade do relato das origens, conforme apresentado em Gênesis; o real cumprimento das profecias na história; a literalidade do sacerdócio de Cristo no Santuário Celestial; e um relacionamento de continuidade e progressão entre a antiga e a nova aliança (de onde se deriva o conceito de validade da Lei moral como princípio eterno e universal e do sábado do sétimo dia como marca distintiva do povo de Deus).

Assim, os adventistas mantêm uma metanarrativa cosmológica chamada de “grande conflito”, na qual se inserem como movimento escatológico estabelecido por Deus para reparar as brechas do cristianismo enquanto preparam uma geração para estar em pé e aguardar a vinda literal de Jesus. Logo, um conceito de verdade que seja eterno, absoluto e imutável é imprescindível para a sustentação do sistema teológico adventista.

Se a verdade é de caráter puramente histórico, e a linguagem não permite que alcancemos o significado pretendido por Deus e pelo autor inspirado, a base

da teologia adventista se corrói, trazendo abaixo toda a estrutura.

Contudo, o que dizer do conceito de “verdade presente” sustentado pelos adventistas? É mais fácil entender essa questão quando se compreende que a revelação progressiva nos moldes adventistas evidencia um relacionamento de unidade, continuidade, progressividade e diversidade entre revelações anteriores e posteriores, ou seja, uma nova revelação não anula uma anterior. Isso pode ser dito com respeito ao entendimento teológico, que é progressivo e que em cada momento histórico exige uma ênfase específica num aspecto da verdade (o que é bem exemplificado na interpretação adventista das cartas às sete igrejas em Apocalipse 2 e 3).

Desse modo, apesar de a verdade presente constituir-se de uma ênfase histórica e se manifestar por meio de um novo entendimento teológico, ela faz parte de um todo maior, considerado verdade eterna. Por isso, “verdade presente” não se relaciona apenas com o indivíduo em sua finitude histórica, mas é parte de uma verdade universal independente dele.

É preciso reconhecer, porém, que muitos dos postulados hermenêuticos modernos e pós-modernos têm valor, mesmo para a investigação bíblica adventista.<sup>9</sup> Conhecer o contexto histórico do autor e da composição do texto, por exemplo, é uma tarefa legítima e útil para a extração do significado contido no texto,<sup>10</sup> mas nessa incapacidade de fazê-lo perfeitamente não pode obliterar o testemunho que a Bíblia dá de si mesma, como palavra autoritativa de Deus para o homem.

Concluimos, então, que a busca pela verdade tem levado o homem a entendê-la de diversas formas. Em tempos recentes, Gadamer propôs aquilo que podemos chamar de verdade histórica, relevante na época e no local do autor, impossível de ser descoberta em outro local e época, mas que possibilita a criação de uma

verdade igualmente histórica no tempo do intérprete.

Ficou claro ainda que o fundamento teológico adventista é incompatível com o modelo hermenêutico de Gadamer, já que pressupõe a existência de uma verdade universal, imutável, eterna, não historicamente condicionada e, principalmente, alcançável. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Fernando Canale, “Toward a Criticism of Theological Reason: Time and Timelessness as Primordial Presuppositions”, tese de doutorado (Berrien Springs, MI: Universidade Andrews, 1983).

<sup>2</sup> Grant R. Osborne, *A Espiral Hermenêutica: Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2009), p. 601, 602.

<sup>3</sup> Luísa P. F. Silva, “Da ‘Fusão de Horizontes’ ao ‘Conflito de Interpretações’: A Hermenêutica entre H. G. Gadamer e P. Ricoeur”, *Revista Filosófica de Coimbra*, <<https://goo.gl/CCjr8M>>, p. 128-134.

<sup>4</sup> Vinícius Bonfim, “Gadamer e a Experiência Hermenêutica”, *Revista CEJ*, <<https://goo.gl/2RnrEN>>, p. 76-82; Aloísio Ruedell, “Gadamer e a Recepção da Hermenêutica de Friedrich Schleiermacher: Uma Discussão sobre a Interpretação Psicológica”, *Veritas*, <<https://goo.gl/4inHZh>>, p. 74-85; Silva, *ibid.*

<sup>5</sup> Silva, p. 141.

<sup>6</sup> Osborne, *ibid.*; Ruedell, *ibid.*; Silva, *ibid.*

<sup>7</sup> Nisto Cremos: *As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 11.

<sup>8</sup> Fernando Canale, *Criação, Evolução e Teologia: Uma Introdução aos Métodos Científico e Teológico* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2016).

<sup>9</sup> George W. Reid (ed.), *Compreendendo as Escrituras: Uma Abordagem Adventista* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2007), p. 29-35, 111, 112, 116.

<sup>10</sup> Osborne, p. 42, 43.



Gentileza do autor

**Lucas Ferraz**, formado em Teologia (Unasp, EC), é pastor em Montes Claros, MG



Gentileza do autor

**Werter Gouveia**, graduando da Faculdade de Teologia do Unasp, EC

# CONCURSO DE ARTIGOS

A revista **Ministério** está promovendo o 2º Concurso de Artigos para estudantes de Teologia. Todos os alunos matriculados em programas de graduação ou pós-graduação podem participar.

## TEMA E REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

**1.** Um dos maiores desafios do cristianismo contemporâneo está relacionado ao **discipulado**. Desse modo, o tema dos artigos deverá relacionar-se com esse assunto. Os textos podem explorar aspectos bíblicos, históricos, teológicos e aplicados que aprofundem a compreensão acerca do discipulado cristão.

**2.** Os textos deverão ser enviados em MS Word para o e-mail [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Por favor, inclua as seguintes informações no cabeçalho do artigo: nome, endereço, e-mail, telefone, afiliação religiosa, nome da instituição educacional em que está cursando Teologia e o título do manuscrito.

**3.** Ao fazer citações bibliográficas, identifique as fontes. Insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use números arábicos nas notas. Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado. Os textos deverão conter no mínimo 8 mil e no máximo 15 mil caracteres com espaço.

**4.** Será aceito somente um artigo por autor.

## PRÊMIOS

- 1º lugar:** Coleção Minicentro Ellen G. White  
**2º lugar:** Coleção Comentário Bíblico Adventista  
**3º lugar:** Bíblia de Estudo Andrews

A comissão avaliadora será formada pela equipe editorial da *Ministério*, por representantes do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia e da Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

## Publicação

- 1.** Não haverá devolução dos artigos enviados.  
**2.** Os ganhadores do concurso darão à revista *Ministério* os direitos de publicação do artigo. Embora os editores pretendam publicar esses textos, a publicação não é garantida.

## Data limite de inscrição:

Os textos deverão ser enviados até **30 de maio de 2018**

Apoio:



Seminário Adventista  
Latino-americano de Teologia  
Associação Ministerial

# Rotina invisível

Amanhece. O clima está um pouco mais frio do que o normal. O boletim meteorológico informa que a temperatura está 9°C. Apesar do frio, dirijo-me ao meu local de estudo. Cada manhã, há uma tarefa que os ministros do Senhor devem fazer em primeiro lugar: conectar-se com a Fonte de poder.

Neste ano meu alvo pessoal é ler toda a Bíblia em conjunto com os capítulos correspondentes nos livros de Ellen G. White. Tenho apreciado esses estudos e extraído muitas lições para minha vida pessoal e pastoral. Ao



terminar minha leitura, ajoelho-me para expor a Deus meus pensamentos, pedidos e agradecimentos.

Em seguida dedico algum tempo estudando temas relacionados ao meu crescimento profissional. Prossigo com a leitura de um livro sobre linguagem corporal e, depois, dos artigos da revista *Ministério*. Fico impressionado com o que nossa linguagem corporal não verbal causa e comunica àqueles que nos veem. Por isso é importante cuidar dos gestos, trejeitos e cacoetes.

De repente, uma mensagem chega via WhatsApp. Rocío, líder de uma das minhas igrejas, acaba de saber que a jovem que cuida do seu neto, e que está estudando a Bíblia conosco, está grávida.

Termino meu estudo e vou à casa da

irmã Rocío. Ela me explica que o pai da jovem havia permitido que ela a ajudasse e morasse em sua casa, mas pediu-lhe que cuidasse dela. Agora era preciso informar à família o que tinha acontecido. Converso um pouco, leio algumas promessas bíblicas de confiança, proteção e força no Senhor, oro com elas e sugiro a Rocío que fale com os familiares da jovem o quanto antes.

Então me dirijo para o outro lado da cidade, para a visita que estava agendada na casa de Holguer e Sarita. Peço desculpas pela demora e explico-lhes o motivo. Entrego um cheque que a igreja

central doou para o tratamento de Holguer. Ele tem leucemia. Sarita é adventista, seu esposo, não.

Volto para casa na hora do almoço.

À tarde, visito Lesly. Sua mãe me pediu que a visitasse porque, apesar de todos os conselhos que lhe demos, ela está decidida a se casar com uma pessoa que não é de sua denominação religiosa. Converso um bom tempo. Argumento que opiniões sentimentais não são suficientes para uma decisão assim. Uma escolha errada, tomada à parte dos princípios da Palavra de Deus, pode trazer sérias consequências.

À noite estou na reunião do pequeno grupo de jovens de outra das minhas igrejas. A casa está cheia e, o grupo, muito animado. Cada um comenta como foi sua semana. Ministro o estudo bíblico. Refletimos também sobre o cuidado de Deus para com Seus filhos. Às vezes as pessoas imaginam que pregamos apenas para elas, mas também temos necessidade de pregar para nós mesmos.

O dia termina. Volto para casa pensativo, agradecido pela força e iluminação recebida do Alto para poder atender, socorrer e auxiliar tantas pessoas nas mais diversas situações. Elas estão sob minha responsabilidade e sob meu cuidado pastoral.

Onde conseguimos motivação e paixão pelo ministério? Da única Fonte que temos como pastores. Do Deus que nos chamou para trabalhar neste mundo e ser Suas mãos para ajudar as pessoas. Cada dia Ele tem uma mensagem para cada um de Seus ministros, porque sabe o que enfrentaremos em nossa missão. **M**

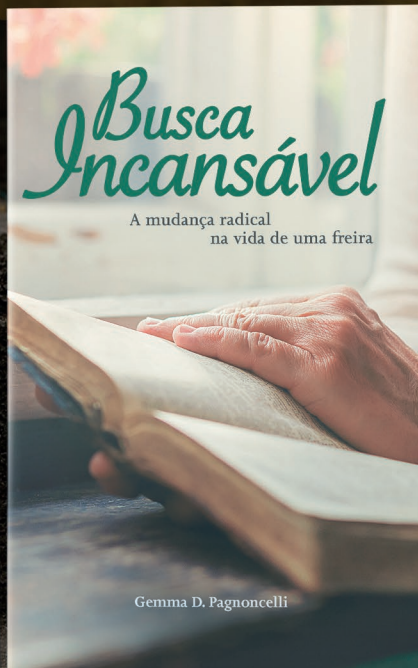


Jerson Santacruz é pastor em Cuenca, Equador

# NUNCA DESISTA!



A VIDA É FEITA DE  
COMEÇOS E RECOMEÇOS



# Gigantes intelectuais

Ser pastor em comunidades cujos membros são cada vez mais exigentes, cultos e conscientes das tendências contemporâneas tem se tornado um desafio e tanto. A facilidade de acesso à internet popularizou a informação, tornando-a comum tanto às metrópoles quanto às cidades menores. Conseqüentemente, a criticidade das congregações, independentemente de sua localização, aumentou bastante, e nós, pastores, estamos sendo desafiados a elevar também nosso nível de conhecimento e capacidade de articulação de ideias. Os sermões precisam ser inteligentes, originais, profundos e acessíveis ao mesmo tempo, e as opiniões a respeito das condições do mundo precisam ser melhor fundamentadas.

A preocupação em ter pastores bem preparados intelectualmente não é recente. Em 1894, Ellen White escreveu: “Nossos pastores terão de prestar contas a Deus por enferrujarem os talentos que Ele lhes entregou para melhorar pela prática. Podiam ter feito, inteligentemente, um trabalho dez vezes maior, se tivessem se preocupado em tornar-se gigantes intelectuais. Toda a experiência deles em sua elevada vocação é diminuída porque se contentam em permanecer onde estão. Seus esforços para adquirir conhecimentos não impedirão, o mínimo que seja, seu crescimento espiritual, se estudarem com motivos corretos e objetivos apropriados (*Ministério Pastoral*, p. 194).

As demandas da igreja podem conspirar contra nosso preparo intelectual. Portanto, precisamos ser intencionais na busca por conhecimento útil que potencialize nossa capacidade de melhor servir

a Deus. Para tanto, gostaria de compartilhar cinco dicas para desenvolver com eficácia esse processo.

**Tempo.** O tempo para o crescimento intelectual deve ser parte da agenda de atividades pastorais. A recomendação tem sido que os pastores dediquem as manhãs para isso. Você pode separar regularmente entre duas e três horas diárias para o estudo sistemático. Talvez alguém neste momento esteja pensando: “É fácil para ele falar isso, afinal, não trabalha em um distrito.” Entretanto, essa era minha prática enquanto servia à igreja como pastor distrital, e continua sendo até hoje, quando chego em casa após o expediente na editora. Aprendi que precisamos ser senhores de nossa agenda e ditar o ritmo de nossas atividades, se quisermos desenvolver um ministério integral e equilibrado.

**Conteúdo.** Você pode definir o conteúdo a partir de duas perspectivas: explorar uma disciplina por vez ou manter a variedade temática ao longo da semana. Por exemplo, você pode pesquisar durante um mês (ou mais) sobre determinado assunto ou estudar a cada dia da semana uma área da Teologia. Durante algum tempo utilizei o seguinte plano semanal: Atualidades (segunda-feira), Teologia Bíblica (terça), Teologia Histórica (quarta), Teologia Sistemática (quinta), revisão de temas a ser apresentados no fim de semana (sexta). Durante o período de pós-graduação, mestrado e doutorado, o plano de estudos naturalmente segue as demandas do currículo acadêmico.

**Técnica de aprendizagem:** Cada pessoa tem uma técnica de aprendizagem preferida. Por exemplo, algumas gostam de sublinhar o material, outras não conseguem apreender conteúdo sem fazer anotações. Existem aquelas que se dão muito bem com os mapas mentais, e ainda há as que aprendem por meio de discussões orientadas (*brainstorming*). Se você ainda não sabe qual é o método mais eficaz para você, procure identificá-lo por meio de testes confiáveis.

**Informação:** Mantenha-se informado acerca das mais importantes e recentes publicações de sua área de interesse ou da Teologia como um todo. Acompanhe as redes sociais das principais editoras cristãs, assine periódicos teológicos, visite bibliotecas e livrarias cristãs, pesquise as ementas dos Seminários de Teologia e acesse bons sites de discussão teológica.

**Produção:** Tenha o propósito de produzir materiais como resultado de seus estudos, como sermões, seminários, artigos, blogs, estudos bíblicos, guias de pequenos grupos e livros. Essa produção honra a Deus, solidifica seu conhecimento e abençoa a igreja.

Lembre-se de que “os tempos atuais exigem pastores inteligentes e preparados” (*Ministério Pastoral*, p. 40). Que estejamos à altura dessa exigência! **TM**



William de Moraes

**Wellington Barbosa**, doutorando em *Ministério* (*Universidade Andrews*), é editor da *Ministério*



# A veracidade dos fatos sobre O DOM PROFÉTICO

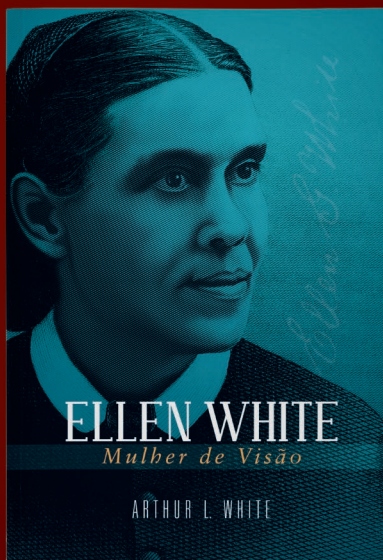
Lançamento



## *Quando Deus Fala*

Alberto R. Timm, Dwain N. Esmond

Esta obra provê uma abordagem exaustiva ao tema dividida em estudos bíblicos e históricos. Na primeira parte, trata de temas como a natureza do dom de profecia no Antigo e no Novo Testamento até o significado da expressão “Espírito de Profecia”. Na segunda, aborda o assunto do dom profético desde os primeiros escritores cristãos. Em resumo, a obra possibilita um estudo abrangente e indispensável sobre o dom de profecia.



## *Ellen White: Mulher de Visão*

Arthur L. White

*Ellen White: Mulher de Visão* é a mais ampla e detalhada biografia da autora publicada em língua portuguesa. Produzida por seu neto, Arthur L. White, a obra permite conhecer aspectos interessantes e reveladores de sua personalidade no papel de esposa, mãe, avó, conselheira, líder e fiel mensageira do Senhor.





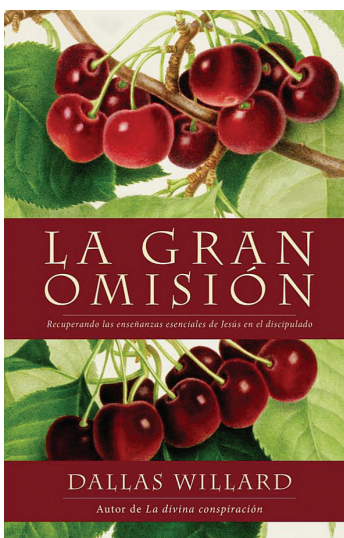
## Nos Passos do Mestre: A Essência do Discipulado Bíblico

*Adolfo S. Suárez, Casa Publicadora Brasileira, 2013, 112 p.*

O tema do discipulado tem sido grandemente difundido no meio cristão. Discipulado é um processo em que o seguidor de Cristo compromete-se com Ele e reproduz essa dinâmica na vida de outros. Milhões de pessoas adentram à igreja a cada ano. O que estamos fazendo por essa multidão de novos conversos?

Entender a missão que nos foi confiada por Cristo para fazer discípulos é a solução para desenvolver aqueles que O aceitaram. Caso contrário, os crentes continuarão como “consumidores” sentados nos bancos das igrejas, sem compromisso com a missão e com grande propensão à apostasia.

Com uma didática esmerada e linguagem simples, o livro apresenta de forma prática o processo do discipulado cristão. Seu autor aborda temas como “Discípulo e discipulado”, “De membro a discípulo”, “Como ser uma igreja discipuladora”, e outros. Certamente seu conteúdo será uma ferramenta útil para pastores e líderes cristãos.



## La Gran Omisión: Recuperando las Enseñanzas Esenciales de Jesús en el Discipulado,

*Dallas Willard, HarperCollins, 2015, 256 p.*

A última tarefa que Jesus deixou à igreja antes de ascender ao Céu foi a Grande Comissão, o chamado aos cristãos para “fazer discípulos de todas as nações”. Entretanto, os cristãos têm respondido fazendo “cristãos”, não “discípulos”. De acordo com Dallas Willard, essa tem sido a grande omissão da igreja.

Para o autor, nós podemos ser cristãos sem ser discípulos, ou nos chamar cristãos sem aplicar a compreensão da vida no Reino a todos os aspectos da vida cotidiana. Ele desafia os crentes a restaurar o que deve ser o coração do cristianismo: discípulos ativos do Mestre. “O Novo Testamento é um livro sobre os discípulos e para os discípulos de Jesus Cristo. Mas a questão não é meramente verbal. O mais importante é que o tipo de vida que vemos na igreja apostólica é a de um tipo de pessoa especial”, diz Willard.

O livro nos mostra que somos aprendizes do Salvador, cujo brilho nos encoraja a abraçar o verdadeiro significado do discipulado: uma vida ativa na dinâmica do Reino.



## Elder's Digest

Agora a *Revista do Ancião* está ao alcance dos dedos! Com o aplicativo recém-lançado da *Elder's Digest*, publicação da Associação Ministerial da sede mundial da Igreja Adventista, você pode ter acesso a um acervo contendo as edições em inglês, português, espanhol e francês da revista mais apreciada por anciãos e líderes de igreja. Ele é gratuito e, por enquanto, está disponível somente para iOS.

# Discipulado extremo

**E**m um mundo de relativismo generalizado, em que cada um parece ter sua própria verdade e ninguém quer interferir nas ideias e convicções dos outros, o discipulado corre o risco de ser deixado de lado. No entanto, Jesus foi muito claro quando disse: “Ide e fazei discípulos” (Mt 28:19). Ele deseja que façamos discípulos, não somente por meio de batismos como fruto da pregação do evangelho, mas também capacitando, treinando e aconselhando os novos conversos no caminho da fé. Desse modo, como pastores, também asseguramos a formação dos futuros líderes da igreja.

Quando compreendemos esse conceito de discipulado, é natural que nos perguntemos: como isso pode ser alcançado na prática? Nosso melhor ponto de referência para o discipulado é o próprio Jesus. Ele não ordenou somente a Seus seguidores que fizessem discípulos, mas durante Seu ministério na Terra demonstrou na prática como fazer discípulos. Seu desafio foi prepará-los para liderar a recém-formada igreja após Sua ascensão. Quando observamos o modo como Cristo formou Seus discípulos, alguns princípios se destacam:

Em vez de Se concentrar em grandes números, Jesus Se concentrou em treinar um grupo seleto, porque sabia que o discipulado funciona melhor no contexto de relacionamentos transparentes e próximos. Nesse sentido, é preferível dedicar um ou dois anos para discipular e capacitar uma ou duas pessoas escolhidas para servir integralmente a Cristo, em vez de dedicar toda uma vida simplesmente mantendo os programas da igreja em funcionamento.

Jesus foi exemplo em tudo o que ensinou. Os Doze tiveram a oportunidade de ver como Ele vivia, de acordo com a vontade de Seu Pai. Observaram Suas noites de oração e como tratava as pessoas. Esse contato direto e constante fez a diferença na vida deles porque, mais tarde, eles foram reconhecidos por haver estado com Cristo (At 4:13).


O Salvador fez da Palavra de Deus a base de Seu ensinamento. “As Escrituras do Antigo Testamento eram Seu constante estudo, e as palavras ‘assim diz o Senhor’ estavam sempre em Seus lábios” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 84). Faríamos bem

em seguir esse exemplo de Cristo, especialmente em se tratando de discipular outros. Em um mundo altamente tecnológico, em que transborda todo tipo de informação, precisamos fazer da Bíblia nosso livro de cabeceira, buscar nela os conselhos, princípios e normas para nosso viver diário.

Jesus viveu uma vida de oração e ensinou Seus discípulos a orar. Ele orou fervorosamente antes de escolhê-los. Sua vida de oração foi um exemplo que jamais esqueceriam. Ouvir o Mestre orar acendeu nos discípulos o desejo de seguir Seu exemplo (Lc 11:1).

Jesus treinou Seus discípulos para o serviço, deu-lhes a oportunidade de trabalhar com Ele e, mais tarde, os enviou ao campo de trabalho cheios do poder do Espírito Santo para fazer a diferença no mundo, pregar e ter autoridade sobre os poderes das trevas (Mc 3:13-15).

Se queremos ajudar as pessoas a avançar no caminho do discipulado, devemos levar esses princípios a sério. Sermões, seminários e livros têm seu lugar, mas eles não são suficientes. O discipulado consiste em se dedicar completamente a transmitir a outra pessoa o conhecimento, a sabedoria e as habilidades obtidas por meio da própria experiência, a fim de facilitar o crescimento espiritual e o desenvolvimento das faculdades e habilidades dessa pessoa. Requer perseverança e paciência para investir tempo e energia em alguns, a fim de ver resultados duradouros.

Aonde quer que você vá ao longo do seu ministério, peça a Deus que lhe mostre as pessoas, sejam elas recém-batizadas ou não, jovens ou adultos, a fim de iniciar o processo de discipulado. Durante sua trajetória, você os verá crescer em seu amor por Jesus e em sua caminhada diária com Ele. Então, você sentirá a bênção de ver novos obreiros comprometidos com a causa do Senhor. 



**Em um mundo de relativismo generalizado, o discipulado corre o risco de ser deixado de lado.”**



Gentileza do autor

**Walter Steger**, formado em Teologia (Universidade Adventista del Plata), é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol

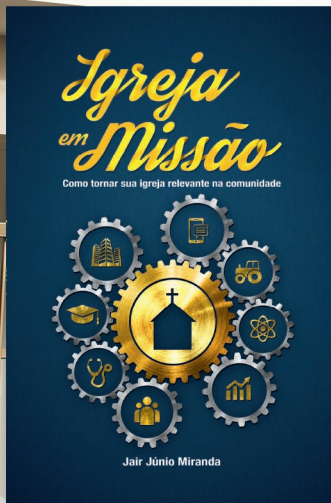
# SUA IGREJA

*um lugar para a*

# MISSÃO

MKT CPB | William de Moraes

IGREJA  
ADVENTISTA  
DO SÉTIMO DIA



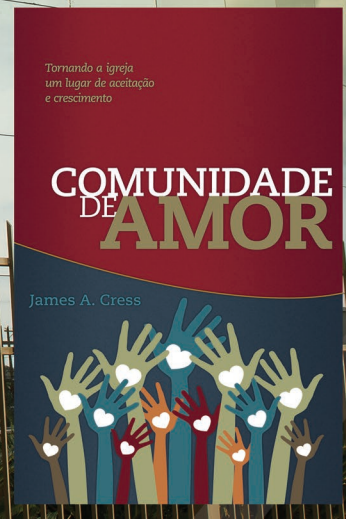
Igreja em  
Missão

R\$ 26,00



Como Reavivar a  
Igreja do Século 21

R\$ 24,20



Comunidade  
de Amor

R\$ 32,80

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

